DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

N.º 43 / ABRIL A JUNHO 96 / ANO 10

EDITORIAL

Em 30 de Abril e 2 e 3 de Majo passados, o Estado-Major do Exército, através do Instituto de Altos Estudos Militares, o seu órgão mais vocacionado para a reflexão e produção de doutrina em torno das matérias que afectam o Exército, promoveu um seminário sobre o tema "Visão Prospectiva do Servico Militar em Portugal". Acedemos, com gosto, ao convite que nos foi dirigido, a título individual. para participar no seminário com uma comunicação.

Impossibilitado de assistir à totalidade das conferências e debates que as mesmas suscitaram, ouvimos o suficiente e chegou-nos eco do restante. para concluirmos das virtudes da iniciativa e da qualidade de que se revestiu.

Pode questionar-se se se estaria na instância e nível institucional adequados. Porque, afinal o serviço militar não afecta apenas o Exército, mas sim toda a instituição militar e nem é sequer matéria que interesse exclusivamente às Forcas Armadas mas sim à Nação no seu todo.

Não creio que a dúvida se justifique. Ainda que concordando com as premissas e pensando, por isso, que a reflexão deve alargar-se a toda a sociedade e às Forças Armadas em geral, nada obsta a que seja trazido à área específica do Exército. Até porque é o Exército o ramo que será mais atingido pela eventual alteração do modelo de serviço militar e que terá de encontrar as respostas organizativas, funcionais e mesmo de adaptação das mentalidades, convenientes.

Generalizou-se o conceito de que o servico militar geral e obrigatório de uma imposição do Exército à Nação, De que é o Exército que "obriga" a juventude à "passagem pela tropa". Nada mais errado. O Exército apenas tem por missão seleccionar, preparar e organizar os cidadãos que a Nação lhe entrega para cumprir os objectivos que a própria Nação lhe define.

Os critérios que presidem ao recrutamento desses cidadãos ultranassam o âmbito do Exército.

Mas tal não significa que o Exército

não deva reflectir sobre a forma como melhor pode cumprir a sua missão e, das conclusões a que chegar, deva informar oportuna e rigorosamente aqueles a quem cabem as decisões.

O seminário do Instituto de Altos Estudos Militares enquadra-se nesta metodologia e por isso foi uma iniciativa louvável.

(Continua na pág. 28)



SUMÁRIO

Editorial	1
Da Direcção	3
Sementes de Abril	4-6
25 de Abril, Ano XXII	7 - 15
Das Delegações e Núcleos	16 - 18
Testemunhos	19 - 20
Opinião	21 - 24
Vida Associativa	25 - 26
Desporto e Recreio	27

MEDALHA COMEMORATIVA DO 22.º ANIVERSÁRIO 25 DE ABRIL





FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE: Associação 25 de Abril Rua Luís de Camões, 47

DIRECCIO

Pedro Pezaras Correia

IMPRESSÃO-Tin Ercola ADEA Dan Artilbaria Um Telef 385 35 93 1000 LISBOA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

TIRAGEM:

4500 exemplares

ENDERECOS:

Associação 25 de Abril Rua Luís de Camões, 47 • Tel, 4198105 • Fax 4198130 2795 Linda-a-Velha

DELEGAÇÃO DO NORTE Apartado 4678 4012 PORTO

DELEGAÇÃO DO CENTRO Anartado 3041 3000 COIMBRA

DELEGAÇÃO DO CANADÁ 153 Hamilton St

Toronto - Ontario - M4M 2C9 NÚCLEO DO ALENTEIO Rua Bernardo Santareno, nº 2

Bairro das Nogueiras NÚCLEO DO ALGARVE Rua Francisco Gomes, 18 - 1.º

8000 FARO NÚCLEO DE CASTELO BRANCO Bairro Buenos Aires, 47 6000 Castelo Branco

Depósito Legal N.º 32998/89

2795 Linda-a-Velha QUADRADO - (Medalha de Forma Quadrangular)

Esta figura implica a ideia de solidificação e estabilidade. É também a síntese dos auatro elementos: Ar, Água, Fogo e Terra. No Canon de proporções de Leonardo Da Vinci, o quadrado integra o homem como medida de todas as coisas: Equilíbrio. Verticalidade, Simetria.

O NÓ - Na simbologia da palavra nó, desatar nós, é libertar-se das amarras para viver a nível mais elevado - o processo de libertação -

O nó é labiríntico. Deve ser feito até que se chegue ao seu centro: a resolução é a deliberação.

Em sentido sócio-psicológico o nó é coordenador de uma acção comum, adaptação à vida colectiva e à capacidade de integração no grupo.

SÍMBOLOS

ANVERSO - Na envolvente do NÓ. encontramos uma estrutura espacial de vinte e dois planos (ascendentes dos vértices ao centro) que definem o 22.º Aniversário do 25 de Abril e que

simbolizam a sociedade viva. A esta face poderemos chamar: o nó da converaência.

¹ Num sentido de participação e clareza de consciência

REVERSO - A sigla da Associação 25 de Abril ao centro da forma quadrangular encontra-se contida entre duas linhas horizontais - vindas da outra face e que são as plantas do nó. — que pretendem simbolizar o equilíbrio e a ponderação.

FICHA TÉCNICA

ALITORA Arg.º/Escultora Manuela Ribeiro Soares

FABRICANTE Gravarte - Lisboa

EDIÇÃO EM BRONZE 80x80

Série de 1000 Exemplares assinados e numerados

Na capa: Acrílico s/ Tela - Comemorativo do XX Aniversário do 25 de Abril, gentilmente oferecido à A25A pelo autor, ARTUR BOAL

Mário Viegas, Uma Pessoa



1 Não sei se o Mário Viegas estaria de acordo com este artigo. Nesta possível e polémica questão, usando o seu humor, eu direi que já estou em vantagem porque ele não me pode contestar (pelo menos por

Outros caminhos usará, quem sabe?, porque o Mário é daqueles mortos que falam mil vezes mais que muitos vivos,

Acabei de usar a palavra morto.

É chato, mas é verdade. O Mário morreu. E não servem de nada as figuras de retórica: "não, ele não morreu, ele está vivo, ele está connosco!".

Mas alguma coisa existe para podermos dizer que ele está por aí, pelas ruas, pelos jardins, pelos teatros, pelos sítios que ele amaya

- 2 E é disso que eu quero falar.
- Do Mário como pessoa. Porque nós só recordamos pessoas.

E ele era uma pessoa muito curiosa: era, ao mesmo tempo, um feroz individualista, e um feroz - passe o chavão - colectivista.

Sei que este tipo de definição é pouco ortodoxa. Mas como é o que eu penso. passo a explicar em palavras simples: o Mário sempre fez o que quiz fazer, e sempre sentiu necessidade de juntar mais gente aos seus projectos. (Descontando as crises que, como se sabe, todos têm e fingem que não têm).

3 O Mário começou muito cedo a interessar-se por teatro, a representar para a família, para os amigos, e depois entrou nos palcos.

Em que palcos? Nos do teatro e nos da vida.

Estudante, ficaram célebres os seus recitais - comício na Universidade Porto, como jovem actor deixou as marcas de

irreverência e anti-convencionalismo que o haviam de seguir toda a vida, e como cidadão sempre soube escolher o campo da liberdade e do anti-fascismo.

4 A história mais recente do Mário Viegas confunde-se com o que de melhor o teatro português produziu nos últimos anos: formação de novos grupos, abertura de novos espaços e repertório actuante, vivo, atento à sociedade, mordaz, irónico, subversivo.

Quando muitos sonhos e utopias do de Abril comecaram desabar, grande parte do movimento teatral transformou-se num foco de resistência.

Contrariando manipulações mediáticas intrigas, processos inquisitórios, estrangulamentos económicos, o teatro português conseguiu - apesar de tudo -,

... como jovem actor deixou as marcas de irreverência e anti-convencionalismo que o haviam de seguir toda a vida. e como cidadão sempre soube escolher o campo liberdade e do anti-fascismo.

defender uma imagem de cultura. de independência, e de responsabilidade cívica perante a sociedade.

Quanto ao de cidadania, ou seja o uso do direito de

falar, o direito à adesão ou à indignação perante o mundo que nos cerca, também aí o Mário se soube situar e impôr.

Sabemos todos as dificuldades que sentem os que lutam contra o marasmo, a estupidificação, os modismos, a corrupção larvar ou despudorada que embota sensibili-dades, cria desânimos e desistências.

Mas, em tudo na vida há limites. E essa névoa fascizante que

- estimulou e gerou a cobardia cívica está. - doa a quem doer -, a ser rompida aqui e além.
- Essa é uma história - que está a ser escrita - por algumas

pessoas. Mário Viegas era uma dessas melhores

Helder Costa

A25A — ADFA

pessoas.

Quando muitos sonhos e

a

desabar.

utopias do 25 de Abril

grande parte do movimento

teatral transformou-se num

comecaram

foco de resistência.

A Direcção da Associação 25 de Abril deslocou-se à Sede da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, convidada pela respectiva Direcção Nacional, aí tendo almocado numa fraterna iornada de convívio.

Desde a sua fundação tem a A25A tido como permanente objectivo manter uma estreita, calorosa e fraterna ligação com a ADFA (de referir a existência de muitos sócios comuns, mesmo no seio das respectivas direcções). Ou não constituísse, desde sempre, a causa dos deficientes militares, e não só, uma das preocupações maiores dos militares de Abril! Essas relações têm sido sempre cordiais, ainda que por vezes sujeitas a algumas interferências perturbadoras. É com enorme satisfação que registamos a iniciativa da nova Direcção Nacional da ADFA, no sentido de aprofundar as relações entre as duas associações amigas. Por nós, ao aderir e ao assumi-las, estamos a cumprir Abril.

Homenagem Nacional a Humberto Delgado



Promovida pela Câmara Municipal de Torres Novas e com a participação da Junta de Freguesia da Brogueira e da Comissão de Homenagem a Humberto Delgado realizou-se no passado dia 19 de Maio, mês que assinala a passagem do nonagésimo aniversário do nascimento do "general sem medo", uma jornada evocativa da sua memória, cujo acto mais significativo foi a inauguração da "casa Humberto Delgado-Memorial", em Boquilobo, Freguesia da Brogueira, Concelho de Torres Novas. A casa Memorial cuja concepção se deve ao escultor José Aurélio, é a casa onde nasceu Humberto Delgado e que passa assim a representar um espaço que, constituindo um monumento evocativo dessa figura ímpar da nossa história recente, que à causa do derrube da ditadura salazarista sacrificou a própria vida, fica também a constituir um marco da luta anti-fascista onde as novas gerações possam aperceber-se dos sacrifícios que custou a liberdade de que hoje desfrutam.

A jornada contou com a presença do

presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, o chefe do estado maior da Forca Aérea, a viúva e as filhas de Humberto Delgado e, como convidados. estiveram também presentes o presidente da A25A e o director de "O Referencial". A Forca Aérea prestou as honras militares protocolares.

Nas cerimónias junto à Casa-Memorial juntou-se uma multidão. democratas idos de muitas partes do país, mas principalmente do Concelho de Torres Novas e da Freguesia da Brogueira. O povo de Boquilobo estava ali em peso. Os discursos couberam aos presidentes da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal, ao vice-presidente da Assembleia da República Manuel Alegre, a Iva Delgado, filha do marechal Humberto Delgado e grande dinamizadora das justas homenagens a seu pai e ao presidente da República doutor Jorge Sampaio, que encerrou a cerimónia

À noite, num pôr-do-sol na Alcaidaria do Castelo, intervenções a cargo do presidente da Câmara, do prof. José Augusto Seabra e do ministro da Administração Interna Dr. Alberto Costa, puseram em destaque a figura de



Humberto Delgado como precursor dos "Capitães de Abril" e como o seu sacrifício acabou por frutificar.

A Dra. Iva Delgado anunciou a constituição da Comissão de Honra fundadora da Casa Humberto Delgado-Memorial, a qual integra os nomes de Vasco Lourenço e Pezarat Correia.

PPC



O MUD JUVENIL E O CONTRIBUTO DE UMA GERAÇÃO

Mário Casquilho *

Só figuram de folhas caídas, para uma geração, aquelas gerações anteriores cujo ideal de vida se concentrou egoisticamente em si e que não cuidaram de construir para o futuro pela resolução, em bases largas, dos problemas que lhes estavam postos, numa elevada compreensão do seu significado humano – Bento de Jesus caraça ("Cultura integral do indivíduo, problema central do nosos tempo", 1933).

Quando, em 28 de Julho de 1946, algumas de jevens se reuniram no vetusto Centro Republicano José Estevam, em Lisboa, e formalizaram a constituição do Movimento Juvenil de Unidade Democrática, foi dado um passo singular no trabalho de gerações que precedeu a conquista das liberdades políticas em Portugal.

O Movimento, que adoptou a sigla MUD Juvenil, foi durante largos anos o ponto de encontro de milhares de jovens que dele fizeram o instrumento privilegiado do seu empenhamento cívico.

Foi também – e quiçá por isso mesmo – um elo geracional surgido na sequência das lutas que anteriormente marcaram a rejeição da ideologia e do comportamento fascistas que o Estado Novo salazarista ingloriamente, aliás, quis impôr à juventude portuguesa.

A presença relativamente autónoma da juventude e particularmente dos estudantes no MUD; a formação do Movimento Académico de Unidade Democrática (MAUD); os pólos diversificados de luta por melhores condições de vida e pelas liberdades associativas específicas das camadas juvenis e no seio das organizações populares; o empenhamento das organizações do Partido Comunista, que adoptara como orientação contribuir para a constituição de um movimento democrático juvenil de massas - convergiram, num contexto político novo, surgido na sociedade portuguesa em consequência da derrota do nazi-fascismo e da pertinácia dos democratas portugueses, para a rápida expansão do Movimento.

A constituição da primeira Comissão Central foi rapidamente seguida pela multiplicação de comissões juvenis pelo País fora, abrangendo todos os sectores juvenis pelo País fora, abrangendo todos os secritores que rababladores das fábricas, dos campos e dos escritórios, estudantes do ensino liceal, técnico e universitário activistas de organizações sociais, etc., diversidade de que, alás, são testemuhos eloquentes os registos da PIDE, das prisões e depósitos disciplinares militares e dos Tribunais Plenários.

A rápida e consolidada multiplicação das comissões locais, sectoriais, de coordenação regional, etc., que agruparam milhares de jovens, aglutinando-os à volta de uma intervenção política e évice a multifacetada de alto valor moral, revelou a receptividade dos jovens da geração de quarental cinquenta aos valores da democracia política, social e valores da democracia política, social e cultural e contribuiu poderosamente para a falência da política juvenil antidemocrática do Estado Novo salazarista.

A avaliação do papel do MUD Juvenil não pode desligar-se da situação repressiva e obscurantista em que estava mergulhada a sociedade portuguesa na década em que o Movimento desenvolveu a sua actividade: iuventude forcadamente enquadrada na organização fascista da Mocidade Portuguesa: iovens trabalhadores impedidos de desenvolverem legalmente qualquer actividade reivindicativa nas organizações sindicais corporativas ou fora delas; associações estudantis fechadas ou reduzidas à edição de "folhas" e, algumas, ao fornecimento de refeições; colectividades populares sujeitas a apertada vigilância policial e ao autocontrolo por parte dos seus responsáveis; actividade artística e cultural cerceada pela censura, pelas polícias e pelas autoridades administrativas; conservadorismo retrógrado nas relações entre rapazes e raparigas, ...

Não admira, pois, que a avaliação da intervenção do MUD Juvenil deva ultrapassar a actividade declaradamente política e ter em conta vertentes que, hoje, poderão surpreender gerações seguintes que já encontraram alguns desses caminhos desbravados: a actividade nas colectividades de cultura e recreio e nos centros republicanos: a fundação de clubes de campismo e de cine-clubes (tudo entidades consideradas "subversivas" e como tal vigiadas e perseguidas afincadamente); a realização de passeios e excursões de convívio inter-classista e entre rapazes e raparigas; o trabalho nos clubes de esperanto. também suspeitos aos olhos da polícia; a luta pela revitalização e democratização das associações académicas e as primeiras formas da sua coordenação a nível de universidades e nacional, com a criação da Comissão Inter-Associações (CIA); a realização de saraus e festivais de canto, música e recitação; a colaboração nas exposições artísticas, nomeadamente nas Exposições Gerais Artes Plásticas na Sociedade Nacional de Belas Artes - tudo foram formas de intervenção que atravessaram os extractos juvenis da sociedade portuguesa (e não só) e confrontaram o Estado Novo com o exercício da cidadania que aquele mais temia, porque era o das gerações que chegavam ao terreno da intervenção política.

Era também o tempo das "Heróicas" de Lopes Graça, que os grupos corais animados pelos aderentes do MUD Juvenil difundiam através do País, como acto de cultura e de luta democrática – das quais uma, a "Jornada" foi escolhida como hino do Movimento.

Não será a oportunidade de fazer a história da acção do MUD Juvenil no plano da intervenção política formal, mas convirá recordar, para os que a não viveram ou acompanharam: o apoio e a integração nas actividades do MUD, até à extinção deste: o cortejo fúnebre de Bento Caraça, em 1948, impressionante afirmação democrática, abre com uma coroa de flores transportada por elementos das Comissões Central e Distrital do MUD Juvenil; em 1949, a juventude democrática, correspondendo ao apelo do MUD Juvenil, apoia a campanha para a Presidência da República do General Norton de Matos e, em 1951, a do Prof. Rui Luís Gomes; em 1949, dezenas de aderentes do MUD Juvenil são presos e perseguidos em iniciativas contra a adesão de Portugal à NATO; em 1951, a PIDE faz dezenas de prisões de elementos do MUD Juvenil no aeroporto de Lisboa, entre as pessoas que esperavam Maria Lamas no seu regresso do Congresso da Paz em Viena.

Toda a acção política e cívica do MUD Juvenil após 1947/1948 atestou a resistência tenaz contra as sequelas da vasta repressão que o Estado Novo salazarista desencadeou contra o MUD Juvenil, na sequência da comemoração em Portugal, pela primeira vez, de 21 a 28 de Março de 1947, da Semana da Juventude: correspondendo ao apelo da Comissão Central, milhares de jovens participaram em eventos tais como reuniões e debates sobre os problemas da juventude, excursões e passeios de confraternização (de que são paradigmáticos os de Belamandil, Almada, Estoril, ...), realizações culturais e desportivas e tantas outras, de vária natureza, um pouco por todo o País.

Alarmado pelas dimensões e qualidade das iniciativas, o Governo entendeu que era chegada a hora de pôr uma barreira a tanta determinação: uma brutal onda repressiva, das mais intensas e generalizadas da época salazarista, foi desencadeada sob o comando a PIDE e a supervisão directa do Governo —

mobilizando as polícias, as autoridades civis, administrativas, judiciais e militares, os elementos dóceis das instituições escolares, a coberto de uma campanha orquestrada da imprensa (que, no entanto, como era de regra, escondia as perseguições e os protestos) sob a égide do órgão da União Nacional, o "Diário da Manhã", e da "Voz".

As reacções à prisão de alguns dirigentes do Movimento, membros da Comissão Central e da Direcção Universitária de Lisboa, foram o pretexto: centenas de jovens estudantes, operários, camponeses, foram agredidos pela PSP e pela GNR, detidos pela PIDE, internados nas prisões políticas. torturados, julgados nos Tribunais Plenários.

A cada organismo atingido sucedia outro a tomar o seu lugar e a protestar publicamente. A Direcção Universitária de Lisboa foi substituída pela Junta de Delegados de Escola. A Comissão Central foi substituída nor uma Comissão Directiva Provisória constituída com base na Comissão Distrital de Lisboa alargada a elementos de outros pontos do País, a qual assegurou a continuidade do Movimento a nível nacional e que funcionou até à eleição de nova Comissão Central. Um pouco por todo o País. organismos regionais e locais foram substituídos ou renovados.

Como cada série de prisões dava lugar a documentos de protesto público subscritos pelos membros das organizações respectivas, e também por grupos de jovens não organizados no MUD Juvenil, indignados com as perseguições, a localização dos "prevaricadores" tornava-se fácil e as prisões sucederam-se até que não houve outro remédio senão sustê-las - e o Movimento

Não sem que, entretanto, a violência do assalto policial à Faculdade de Medicina de Lisboa por ocasião de um plenário estudantil de protesto contra as prisões, desencadeasse,

e o Governo se tivesse aproveitado da situação para se desembaraçar de muitos docentes de qualidade, politicamente incómodos: vinte e seis dos melhores professores universitários portugueses, muitos funcionários, foram demitidos e foi reforcado o controlo governamental sobre as instituições universitárias.

Não sem que, para além das perseguições imediatas, traduzidas nas prisões, nas torturas, nas cargas da PSP e da GNR, nas incorporações em Penamacor. iulgamentos - muitos e muitos iovens de então tenham sido atingidos por formas de perseguições menos ostensivas, mas que condicionaram todas as suas vidas: demissões, impossibilidade de ensinar empregos públicos vedados, vigilâncias permanentes.

Nas fileiras do MUD Juvenil militaram muitos jovens das colónias portuguesas, particularmente estudantes que se organizavam, também, à volta da Casa dos Estudantes do Império. Alguns dos jovens das colónias militantes ou simpatizantes do MUD Juvenil integraram a delegação portuguesa ao Congresso Mundial da Juventude e dos Estudantes e ao Festival Mundial da Juventude realizado em 1953. promovida pelo Movimento.

Foi um acontecimento particularmente eloquente o facto de, no desfile integrado nessas realizações, a delegação presente, com o apoio da direcção do Movimento, ter resolvido cindir-se e - a anos de distância da eclosão organizada dos movimentos de libertação coloniais - a delegação portuguesa ter marchado ao lado das delegações de Angola, Cabo Verde, Goa, Guiné, Mocambique e S. Tomé.

Foi assim que o MUD Juvenil foi a primeira organização política portuguesa a reconhecer abertamente a identidade e o direito à independência dos povos das colónias portuguesas. Este evento constituiu um marco expressivo na organização e nas lutas das inventudes daqueles territórios pelos seus direitos e na contribuição da juventude portuguesa para as suas lutas de emancipação - o que, afinal, não era senão o assumir de um inimigo comum: o fascismo colonialista.

Em 1957, o Tribunal Plenário do Porto, no que ficou conhecido como o "julgamento dos 51", condenou os réus com base na ilegalidade do MUD Juvenil, pela primeira vez assumida no plano jurídico pelas autoridades.

O Movimento veio a considerar, algum tempo depois, que estariam esgotadas as suas possibilidades de intervenção, enquanto tal, na sociedade portuguesa e, em particular, no seio da juventude. Outras formas e outros meios de intervenção se abriam - e, até hoie, muitos dos que militaram nessa escola de civismo que foi o MUD Juvenil, vêm dando. em planos diversos e diversas escolhas ideológicas, a sua contribuição para a construção de uma sociedade portuguesa livre e justa.

Ao promoverem a comemoração do Cinquentenário da fundação do MUD Juvenil, os membros do grupo inicial visavam, e visam, algo mais do que um reencontro afectivo e uma contribuição para a inserção na história do Portugal moderno de um movimento um tanto esquecido.

A comemoração do Cinquentenário visa, também, um confronto: dos problemas, das referências e dos caminhos dos iovens de há meio século, com os problemas, as referências e os caminhos dos jovens de hoje; e uma mensagem: de estímulo e de confiança no exercício de cidadania pelos jovens de hoje, no quadro diversificado oferecido pelo Mundo dos nossos dias.

1996, Maio.

* Antigo dirigente do MUD Juvenil



O 25 DE ABRIL NA INTERNET

O nosso consócio Pessanha de Oliveira "apanhou" nos "news" da Internet, e enviou a "O Referencial" estas interessantes mensagens em torno do tema do "25 de Abril".

Pelo seu interesse intrínseco, pela sua espontaneidade, pela importância da memória vivida, constituem documentos a não perder. Aqui ficam, para que perdurem.

Eduardo M. L. Paes Mamede

Há 22 anos atrás estava colocado na Secretaria Geral de Defesa Nacional (Cova da Moura - Lisboa), no serviço da NATO, após 6 meses de dura instrução em Santarém (com Salgueiro Maia) e Leiria. Sentia que tudo corria bem e que o espectro da guerra tinha sido afastado. Podia inclusivamente voltar a estudar para acabar o curso.

Porém, o destino preparava-me uma grande partida. O meu trabalho na NATO era manusear e separar os documentos produzidos por aquela organização e encaminhá-los para as diversas repartições militares. Alguns destes documentos eram classificados conforme o seu grau de secretismo, e isso implicava também uma classificação por parte do pessoal que lidava com eles. Nesse sentido en teria de me deslocar à PIDE/DGS afim de eles me darem a documentação que me permitiria manusear esses documentos intitulados "cosmic top secret". Isto abalou-me profundamente visto que certamente a PIDE iria consultar os seus ficheiros e encontrar referências a posições que assumi antes do serviço militar. Pensei que toda a minha vida ia ruír e só imaginava, que após conhecerem o meu passado, me mandariam para a Guiné que era o pior sítio possível nessa época.

A referida entrevista na PIDE/DGS estava marcada para o dia 25 de Abril de 1974. Adormeci tarde no dia anterior com pesadelos horríveis e quando a manhã chegou, lavei-me e vesti-me à pressa e tomei um táxi para a rua António Maria Cardoso.

Quando disse ao condutor qual o meu destino, o homem virou-se para trás e explicou-me que a rua estava cercada e que os militares estavam na rua. Senti uma grande emoção porque já tinha acompanhado a intentona das Caldas a 16 de Março e imaginie que seria uma nova tentativa. Ou talvez fossem os outros de tentativa.

extrema direita. Pedi por isso ao condutor para me levar à Coya da Moura.

Aí começou outra vida, e hoje, passados 22 anos posso dizer, parafraseando o grande Pablo Neruda – "confesso que vivi"

Henrique Jorge

Mas antes do plenário no Técnico, eu era um estudante de Ciências suspenso por actos de indisciplina académica.

Fui acordado pelo meu pai que tinha por suspeito nestas coisas! a tropa revoltou-se... Petoltou-se?... – Isto não era bem a revolução que eu esperava – O melhor é ir ver o que se passa.

Nesse dia não consegui passar para Lisboa mas confesso que ainda tenho no ouvido as palavras do locutor do Rádio Clube Português (creio que era o RCP): O presidente do Conselho Marcelo Caetano acaba de render-se às tropas que cercavam o quartel do Carmo (mais ou menos isto). Creio que choreil... Só podia ter chorade!

Desde a morte do Ribeiro Santos (12 de Outubro de 72) que a vida em Ciências era um inferno!

Carlos Alberto Correia

Foi a guerra, a censura, a emigração, a miséria, a resistência, enfim a pequenina vida que nos era permitida. Sempre houve vozes que não se calaram. Mas a maior parte estava subjugada e nem sequer sabia que o estava. A ignorância era arma chave nos desígnios e para a perpetuação do fascismo.

A primeira vez que me apercebi que alguma coisa pairava no ar foi em 1973. Numa reunião clandestina do MDP/CDE, um camarada da marinha disse-me que tinha vindo de uma reunião de militares. Eram quase todos capitães e falava-se abertamente de queda do regime. No entanto, alertava, que não houvesse demasiadas esperanças porquanto era um grupo muito hetrogéme o com muitas zonas de clivagens internas. De qualquer modo, era uma esperança.

Ao balde de água fria do 16 de Março de 1974 seguiram-se uma série de contactos e rumores que indicavam o dia 1 de Maio para várias manifestações de grupos de resistência e, à boca pequena, falava-se mesmo que os militares iriam manifestar-se diante do Ministério que então era da Guerra, ou do Exército, não me recordo exactamente da designação.

Foi por isso que quando no dia 23 um amigo que prestava serviço militar nesse ministério me disse, ao fechar da noite, que iria dar-se qualquer coisa importante porque estavam a blindar as portas do ministério, a aprovisionar os gabinetes das hierarquias com munições e alimentos não dei grande valor ao facto, fiado na possível manifestação de militares, no Primeiro de Maio.

Assim, quando no dia 25 de Abril de 1974, pela manhã, fazia a barba preparando-me para o lançamento do "silêncio mordido", sou surpreendido, ao ligar o rádio, por música militar. Fiquei expectante. Não sabia se era a revolta que tantos esperavamos se um golpe da extrema-direita. Na altura, apesar das cedências de Marcelo Caetano, a ala dura do regime, representada nas Forças Armadas pelo ultramontano Kaulza de Arriaga, ameaçava em surdina tomar o poder pela força.

Foram minutos de angústia. A uma marcha seguiu-se outra e eu, especado, com o pincel da barba numa mão, a lâmina na outra, esperando a voz que me dissesse a verdade do momento. De repente extingue-se a marcha e oico a voz do Sérgio Godinho a cantar "aprende a nadar companheiro... que a liberdade está a passar por aqui". Já não havia dúvidas. Era a nossa gente. Quando no fim desta canção soaram as palavras do Comunicado: "aqui posto de comando do movimento das Forças Armadas", já não eram precisas e já eu, em delírio, acordava toda a gente, telefonava para todo o lado e, sem acabar de fazer a barba, corri para o local de encontro marcado de antemão, para um dia em que tais coisas acontecessem.

O que foi a seguir anda escrito nos jornais da época. Agora é o tempo dos historiadores.

Anos depois do 25 de Abril fui convidado para uma sessão de poesia, na Escola Alfredo da Silva, no Barreiro. O

(Continua na página seguinte)

tema era precisamente o 25 de Abril contado aos jovens que o não tinham vivido. Descobri então que nunca tinha escrito nada sobre o tema. Instado pela necessidade escrevi o que é o meu único poema versando directamente os dias mais belos da minha vida:

o que sei de abril em nós

não há razões perfeitas nem este é um mundo completo

desconheco amor onde o afecto igualmente se mantenha nem sei de horários sempre desejáveis

o que sei é um saber de coisas por

saber lancadas na minha descoberta por isso hoje em abril na escola alfredo

da silva

com a arma das palavras e o sentido da

recordo o tempo em que esperava ver surgir esta nação

п

viemos expor-nos nas palavras e traçar o auadro do percurso

meteoritos descendo sobre a terra e produzindo rápida claridade

viemos de passagem falámos da viagem

nem todas as fontes iniciam rios mas todos os rios nascem de uma fonte importante é que deixem no seu rasto

de águas renovadas o caminho vegetal da alegria

assim em abril as coisas acontecem além das intenções e

pensar que é possível parar o movimento é como

tapar com panos pretos as janelas para cortar o dia

que a revolução é sentimento de mudanca

há muito arquitectada no coração das

mais que um corpo é paixão mais descoberta que sempre

quero dizer fazer uma revolução é diferente de criar uma liturgia

aue em abril semente de actos novos em campos de imprevisto

não se admitem tréguas nem hipóteses mas um corpo de mulher por sobre as

para o qual as nossas vidas tendem

Ш

suponhamos que num acaso que nada deve ao acaso

se abriam nas janelas rasgos de verdades e deslumbrados

nos olhos surgia uma cidade que sendo a mesma outra transparecia

pensemos um dia em que por cima do

os homens prolongassem em festa a primayera que andaya recolhida e súbita rebentasse em seiva de flores

por sobre os aços

imaginemos o momento de tudo ser possível

mesmo a bandeira do vento no rubro da paixão

então

era uma vez um povo com um rio carregado de tristeza

era uma vez uma pátria de marinheiros e sem navios

que plantara uma praia inteirinha de viúvas com olhos de gaivotas e coração de rocha

era uma vez um povo com a noite sobre a nuca era uma vez um frio

não há razões perfeitas nem este é um mundo completo

e estamos de passagem

só o povo flui constantemente se conserva e é diferente nós somos uma parte da viagem

um porto a encontrar

juntos aqui em abril tentemos o novo passo dar

Raúl César de Sá

No dia 25 de Abril a minha mãe tiroume da cama com uma notícia do Rádio:

- Houve um golpe de Estado

- Do Kaulza?

- Não deve ser, os tipos dizem que vão libertar o país do regime que há tanto tempo nos oprime.

Saltei da cama e vesti-me rapidamente. Era na altura um estudante suspenso por nove meses, por ser activista do movimento associativo, aguardava a chamada para a tropa e preparava logicamente a saída para a Europa antes disso acontecer.

Tinha de qualquer forma que me levantar cedo, combinara com um amigo ir esconder livros num sítio seguro. porque era costume a PIDE fazer prisões e buscas preventivas antes do 1 de Maio.

Encontrei-o perto da Batalha e dei-lhe a notícia - ficou mais surpreendido do que P11

Resolvemos dar uma volta no meu Fiat 600, para ter uma ideia do que se estava a passar.

Ao cimo da avenida dos Aliados estava um tanque e meia dúzia de soldados. Na saída da Auto-Estrada um grupo de soldados montava uma metralhadora.

Fomos até Miramar ao Rádio Clube Português, à porta estavam dois camiões de tropa.

Com a certeza que havia um golpe e a secreta esperança que as coisas melhorassem, voltámos ao Porto, para tentar ouvir notícias e procurar informação na TV.

À tarde fui para a rua, que é para onde se deve ir quando estas coisas acontecem.

E começou a vertigem.

No dia seguinte, pela primeira vez, em quatro meses, a Faculdade estava livre de polícia.

Comecámos por abrir a pontapé as instalações que a PIDE nos havia selado, quase um ano antes.

Um mês depois fui amnistiado e voltei às aulas.

(Continua na página seguinte)

O tal meu amigo, navegou para o lado direito e hoje é um tipo importante, chama-se Pacheco Pereira.

Eu lancei âncora por aqui.

Ramiro Veríssimo

Eu estava destacado em Maquela do Zombo, na fronteira Norte de Angola (com o Zaire), quando tomei conhecimento através da rádio que difundiu uma notícia extremamente seca e lacónica; mas que nem pelo inesperado da situação deixou de produzir altíssima excitação, discussões acaloradas e enorme expectativa para o que sucederia em seguida. Não mais se calaram os pequenos transistores.

Dias depois era mandado regressar com os meus homens (uma unidade de artilharia) à nossa base no Negage (relativamente perto de Carmona, capital do Uige). Foi o alívio e a festa da liberdade de expressão, embora mal encarados por parte de uma certa ala conservadora que então predominava nos quadros do exército.

Começaram então uma série nova de complicações resultantes da novidade da situação... que vieram a culminar na guerra da independência. Mas isso seria outra história.

Rui de Carvalho

Já agora que estamos ficando velhinhos aqui vai a minha história do 25 de Abril para a posteridade. Infelizmente ou não, já me tinha escapado para a Europa. O meu pai teve de fugir de Portugal muito de repente, porque segundo a minha mãe, a PIDE andava atrás dele. Me lembro perfeitamente de pelo menos duas ocasiões onde eles bateram à porta no meio da noite à procura dele. Sorte que não estava. Pouco depois fugiu definitivo e estabeleceu-se no Brasil. A PIDE nunca nos deixou em paz. De vez em quando lá apareciam a perguntar pelo paizinho, que nunca mais deu sinais de vida. Quando faltava uns anos para ir para a tropa a minha família concluiu que o melhor

futuro que poderia ter era ir para fora pois A PIDE não perdoava a filhos os crimes dos pais, e além de tudo eu não estava disposto a ir para Angola. Era apenas um adolescente e depois de ter andado por aí fui parar a Israel (como é que isto aconteceu é muito complicado). Entretanto o meu passaporte estava para caducar e naquele tempo não havia embaixada de Portugal em Israel. O consulado mais próximo era na Grécia. De certo pensava eu que tendo fugido da tropa que o consulado não me renovaria o passaporte. Entretanto como estava para fazer três anos em Israel eles queriam me apanhar para o serviço militar deles. Estava entre a espada e a parede. Não podia saír de Israel porque o passaporte tinha caducado, e se ficasse era apanhado para servico militar provavelmente a matar árabes palestinos. Pensei: o que será melhor, matar árabes ou matar pretos? Comecei então a me preparar para fugir clandestino. Tinha entrado em contacto com uns portugueses que trabalhavam a bordo de um navio que transportava sal do porto de Eilat (Red Sea) para a África do Sul. Eles iam me por a bordo como clandestino e quando o navio chegasse à África do Sul eu saltava do barco e nadava até á praia. Foi então que chegou o 25 de Abril. Era noite quando ouvi pela primeira vez no rádio que uma revolução tinha rebentado em Portugal. Será que era da direita ou da esquerda? Entendi que era uma revolução de militares. Mas isso me parecia muito estranho. Não dormi a noite toda colado ao rádio. Somente uns dias depois me encontrei com os portugueses no cais do porto. Eles tinham acompanhado o que se passou pelo rádio de ondas curtas e rádio amador. Chorei quando vim a saber por eles o que se passava em Portugal. Logo depois disso mandei o meu passaporte pelo correio para a Grécia para ser renovado iunto com uma carta implorando para serem breves pois não queria ser apanhado para serviço militar e acabar matando árabes, recebi um

passaporte novinho em menos de um mês! Saí de Israel apenas duas semanas antes de ter de me apresentar às autoridades militares. Isto é que foi sorte e "perfect timing". E "viva a revolução" fui eu cantando no avião comigo mesmo até que cheguei à Grécia umas horas depois. Quantos mais de nós tivemos que fugir da nossa terra ainda crianças, vagabundiando pelo mundo fora porque o regime "comia" os seus próprios cidadãos? O que seria de mim naquela altura se não fosse a revolução?

Arsélio

Tenho andado a ler mais do que a escrever. Há épocas para tudo. Uns dias são para sossegar todas as armas no canto mais afastado da cozinha, outros dias são para dançar sozinho com a vassoura, outros são para gritar palavras de ordem ao vento... e há dias em que não resistimos a fazer durar mais a noite para dizer aos brasileiros que é bom o 25 de Abril e é bom ter passado por nós o tempo que nos permite ter o sotaque sem sobressaltos de maior.

Como seria o tempo presente e a pt-net se não tivesse acordado o 25 de Abril de 74? Alguma coisa teria acontecido forçosamente – não é possível pensar que a revolução tecnológica ao nível das comunicações não tivesse acontecido e não tivesse entrado aqui. Mas de que falariamos nós e como falariamos? De que subtaques e subentendidos usariamos para enriquecer as trocas se estivessemos com medo de as poder fazer todas as que nos viessem à cabeça?

Em 1974, eu era um professor do ensino secundário de matemática interrompido para cumprir o serviço militar obrigatório. Tinha participado em diversos movimentos (estudantis, associativos, sociais) e preparava-me para enfrentar a situação de ter de emigrar (a salto) ou ir até uma das colónias do grande império português, ou império de

10

alguns portugueses a quem tinham convencido que eram proprietários do aquém e do além mar. (O meu imão mais novo, que não me deu ouvidos, tinha-se deixado levar para Angola e morreu, há quem diga que num 29 de Fevereiro, para que a memória do sofrimento se repita de 4 em 4 anos.) Os outros irmãos tinham passado pela tropa continental e um deles tinha ido para o Brasil ter com o pai de nós todos que pelo Brasil tinha ficado (e ficou até que morreu recentemente sem eu saber bem onde).

De Outubro de 73 a Abril de 74 tinha tido alguma tropa bem divertida e arriscada. Em Abril, estava a fazer a especialidade de topografia e cartografia no CIAAC de Cascais e a fazer ordem unida para poder vir a fazer um juramento de bandeira que tinha sido adiado pelo comandante da coisa de Mafra, após alguns acontecimentos hilariantes de bandalheira militante, pouco dignos de um exército que era suposto dominar uma fatia do mundo.

Tinha entrado para o quartel antes da meia noite do dia 24 e um major que mandava mais que o comandante não entregou os pontos e o quartel aos revoltosos. Foi um homem de armas. Alguns dignos oficiais do 25 de Abril molhavam a coragem em muito álcool para a revolta e para prender o major e o comandante. Acabaram bêbedos e incapazes de matar as moscas (de que já nem sentiam as mordidelas). Eu, velho (novo) esquerdista, dei-me a esperar para ver o que acontecia - o Spínola não me inspirava qualquer confianca nem esperança e os meus capitães eram de massa tenra (um deles o Sousa Castro ou Castro e Sousa já tinha ido parar não sei onde). Passou-se um dia e acabei por sair para a luz do dia, já nem sei como. E fui assistir ao espectáculo que só na rua se podia ver. Lembro-me que fui também a uma assembleia de professores mais ou menos meio louca e lembro-me de ter entrado em estado de perpétua vertigem. Nem sei bem o que fiz, pois fiz de tudo um pouco – como era meu hábito – mas não dá para contar – não é meu hábito contar pelos dedos. na reunião do 1.º acto (Algés) do movimento dos milicianos fiquei a saber quem... e afinal já sabia. E fiz toda a tropa saloia até Novembro de 75, fazendo de tudo (incluindo a tropa) um pouco por todo o país que a minha tropa tratava da cartoerafia do meu país.

Pouco brilhante? Brilhante foi o 25 de Abril. Chegou a ser ofuscante. A liberdade era um nome febril que eu escrevi pelas paredes, e houve tempo em que respirei ao compasso da marcha das multidões e em que gritei a plenos pulmões e em que cerrei os punhos e em que fugi e em que regressei. Da tropa só sei que não há sítio melhor para rir – antes porque não tinha acontecido o 25 de Abril e poucas coisas havia para serem ridículas como a tropa, depois porque a vida tinha sentido até na tropa.

MOÇAMBIQUE

Um grupo de sócios e amigos da A25A, radicados no Maputo, dinamizados pelo nosso sócio fundador Luis de Macedo, levaram este ano a cabo a sua ambição de promover, na capital de Moçambique, comemorações condignas do XXII aniversário da "Revolução dos Cravos". O Luis Macedo enviou-nos o programa e a nota que o acompanhou, que a seguir transcrevemos. É um programa "pobrezinho" mas foi vivido com grande emoção, sobretudo durante o juntar convivio node após se cantar o Grândola em côro, foi feita uma breve alocução sobre o significado presente do 25 de Abril pelo Dr. Neves da Silva que o representante da União Europeia, em Moçambique. O Embaixador de Portugal, Dr. Brito e Cunha, falou em seguida sobre a sua experiência pessoal após o 25 de Abril como chefe do Protocolo de Estado. A notte terminou com actuação do Grupo "Milho-Rei" que cantou músicas populares, do Zeca e de outros cantores de Abril.

Aquele cravo encarnado Brasa de fogo a sangrar Foi choro, riso, canção, Voz de campo renascida Numa seara de vento Rasgada pela manhã, Aos olhos que refulgiam Em sementeira de amor

PROGRAMA

Dia 25 de Abril

9:00h Deposição de coroa de flores no túmulo do Soldado Desconhecido Cemitério de Lhanguene

19:00h Jantar-Convívio Sede da APM Av. F. Engels, 275



MENSAGEM

Os anos vão passando, os aniversários do acto libertador de Abril de 74 vão sucedendo e a democracia vai-se consolidando em Portugal.

É sempre com emoção que, em cada ano que passa, recordamos a alegria vivida, nesse dia "inicial, inteiro e limpo". Ficava para trás um passado tão inumano e tão inacettável que só se justifica recordar pela necessidade de não se repetir. Iniciava-se uma jornada que se acreditava plena de feliciade. Quantas esperanças, quantos sonhos então se viveram!

Passados 22 anos, devemos reflectir sobre tudo aquilo que se viveu, os anseios concretizados, as desilusões, e também as esperanças e os sonhos que se mantêm. Devemos renovar a nossa determinação em defender os bens conquistados, contra os inimigos da liberdade e da democracia, e em lutar pela realização do muito que anias sonhamos. Ou não fosse o 25 de Abril um sonho permanente!...

Um sonho de uma sociedade cada vez melhor, cada vez mais democrática, mais igual, mais livre. Uma sociedade onde a paz, a igualdade racial a solidariedade sejam um facto; onde se defenda o ambiente, em vez de o deteriorar em cada dia que passa; onde se luta pela erradi-

cação da pobreza e da exclusão social e se procure a dignificação de todos os cidadãos. Uma sociedade onde se construa um futuro cada vez melhor para os nossos filhos.

Este ano, para além de tudo isso, festejamos também o alívio que sentimos quando verificámos que a maioria dos portugueses foi capaz de usar a liberdade para dizer basta aos defensores do autoritarismo, da insensibilidade.

Não podemos, no entanto, acomodarmo-nos. Não podemos. como é hábito, convencermo-nos de que cabe aos outros lutar pelos nossos valores, pelo nosso futuro. Por mais que acreditemos na mudança, temos que ter permanentemente presente que é essencialmente a todos, a cada um de nós, que cumpre lutar pelos nossos ideais. A liberdade, por si só, não resolve os problemas. A democracia é sinónimo de participação, é sinónimo de responsabilidade cívica. Não nos demitamos de continuar a lutar pelo aprofundamento dos valores de Abril. Não cedamos perante o medo, que a insegurança, o aumento do desemprego, o clima de angustia perante o futuro vêm criando. Não transijamos face ao individualismo que se tem

vindo a instalar na sociedade portuguesa. O futuro está, terá de estar, numa sociedade mais solidária, mais livre, mais igual, com paz, com bom ambiente, enfim, numa sociedade onde os valores de Abril se vivam no dia a dia

Isso só será possível reafirmamo-lo, com uma permanente e eficaz participação cívica, que este ano passa nomeadamente pela defesa de uma revisão constitucional que não retire ao nosso diploma fundamental os valores da liberdade, da igualdade, da justiça e que mantenha um sistema eleitoral que se consubstancie numa verdadeira, correcta e genuína representação da vontade colectiva.

Participação cívica que só será eficaz se nela se mantiver a juventude, cada vez mais consciencializada de que um futuro digno só assim será conseguido.

Reafirmamos o nosso compromisso público com o regime democrático, na fidelidade aos valorcs da liberdade, que há 22 anos nos levaram ao sonho que hoje continuamos a viver.

ABRIL, 1996

ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL

PEDIDOS DE REPRESENTAÇÃO NAS COMEMORAÇÕES DO XXII ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

- ACCÃO TEATRAL ARTIMANHA - ATA (Debate)

- ASS, EST, ESOLA SEC, FERNÃO MENDES PINTO - ALMADA (Debate)

- ASS, HUMANIT, DE REF, PENS, E IDOSOS DE CORROIOS (Sessão solene) - ASS MORADORES STO, ANTÓNIO DOS CAVALEIROS (Jantar)

- ASS, PAIS E ENG. EDUC, JARDIM INFANTIL E ESCOLAS DO 1.5 CICLO DO ENSINO BÁSICO N.º 157 - LISBOA (Almoço)

- ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE S. PEDRO DA COVA (Colóquio)

 ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA AMADORA (Sessão solene) * ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ALCOCHETE (Sessão solene)

- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE PENICHE (Debate)

- ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE SESIMBRA (Debate) - CÂMARA MUNICIPAL ALMADA (Sessão comemorativa)

- CÂMARA MUNICIPAL ALVITO (Colóquio) - CÂMARA MUNICIPAL BORBA (Sessão comemorativa)

- CÂMARA MUNICIPAL CASTRO VERDE (Debate) - CÂMARA MUNICIPAL COVILHĂ (Sessão comemorativa)

- CÂMARA MUNICIPAL DE ALIJÓ (Debate) - CÂMARA MUNICIPAL DE BAJÃO (Sessão solene)

- CÂMARA MUNICIPAL DE FAFE (Sessão splene) - CÂMARA MUNICIPAL ÉVORA (Sessão comemorativa)

- CÂMARA MUNICIPAL FARO (Sessão solene)

- CÂMARA MUNICIPAL FIGUEIRA DA FOZ (Sessão solene) - CÂMARA MUNICIPAL LISBOA (Debate)

- CÂMARA MUNICIPAL LOURES (Júri de Concurso Literário) - CÂMARA MUNICIPAL LOURINHÃ (Sessão comemorativa)

- CÂMARA MUNICIPAL MONTIJO (Sessão solene) - CAMARA MUNICIPAL MOURA (Colóquio)

- CÂMARA MUNICIPAL OLHÃO (Almoco)

- CÂMARA MUNICIPAL SERPA (Sessão comemorativa) - CÂMARA MUNICIPAL SESIMBRA (Sessão comemorativa)

- CÂMARA MUNICIPAL SINES (Debate) - CÂMARA MUNICIPAL SINTRA (Sessão comemorativa)

- CÂMARA MUNICIPAL VILA FRANCA DE XIRA (Debate) - CLUBE DE PRACAS DA ARMADA (Convívio) - CLUBE DO SARGENTO DA ARMADA (Jantar)

- COLÉGIO BARTOLOMEU DIAS STA. IRIA DA AZÓIA (Debate) - COM. TRAB. DA SOREFAME - AMADORA (Plenário)

- COM, ORG, JANTAR PÓVOA STO, ADRIÃO (Colóquio) - COM. PROM. DAS COMEMORAÇÕES 25 ABRIL EM SANTARÉM (Jantar)

- COM. TRABALHADORES DA C.G.D. (Jantar) - COM. TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA (Jantar)

- COM. PROM. DOS BANCÁRIOS E SEGUROS (Jantar)

- COM, SIND, DOS TRAB, DA C. M. AMADORA (Sessão comemorativa) - COM, TRAB, DOS ESTALEIROS NAVAIS DE VIANA DO CASTELO

(Sessão comemorativa

- COMISSÃO CONCELHIA DE SEIA DO PCP (Jantar) - EDITORIAL MOURA PINTO - ARGANIL (Sessão comemorativa)

- ESC. SECUNDÁRIA DA FALAGUEIRA - AMADORA (Debate)

- ESCOLA BÁSICA 2-3 - CALDAS DAS TAIPAS (Colóquio) - ESCOLA C+S DE CASTELO DA MAIA (Colóquio)

- ESCOLA C+S DE OUEUAS (Debate - ESCOLA C+S DE S. MAMEDE DE INFESTA (Debate) - ESCOLA C+S DR. RUI GRACIO - MONTELAVAR (Debate)

- ESCOLA C+S SACADURA CABRAL - CELORICO DA BEIRA (Debate) ESCOLA EB 2, 3 DE FERMENTES - GUIMARÃES (Debate)
 ESCOLA EB 2-3 DE SOUSELO (Colóquio)

- ESCOLA EB FERMENTÕES/GUIMARÃES (Colóquio)

- ESCOLA PREPARATÓRIA DE PAREDES (Colóquio) - ESCOLA PREPARATÓRIA DE PAREDES (Debate) - ESCOLA PREPARATÓRIA DO BOMBARRAL (Debate)

- ESCOLA SEC. CARVALHO DE FIGUEIREDO - LOURES (Debate)

- ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMORA (Colóquio - ESCOLA SECUNDÁRIA GIL VICENTE - LISBOA (Debate)

- ESC. SEC. MACHADO DE CASTRO - LISBOA (Inauguração exposição) - ESCOLA SECUNDÁRIA MARQUESA DE ALORNA - LISBOA (Debate) - ESC. SEC. PROF. HERCULANO DE CARVALHO - LISBOA (Debate) - ESTALEIROS NAVAIS DE V. CASTELO/JUNTA DE FREGUESIA DE

VILAR DE MOUROS (Sessão comemorativa)

- FACEC (Jantar - GRUPO SPORTIVO ADICENSE (Almoco)

- INTER-REFORMADOS - LISBOA (Almoco) - JUNTA DE FREGUESIA ALCÂNTARA (Almoco) - JUNTA DE FREGUESIA ALHANDRA (Convivio)

- JUNTA DE FREGUESIA AMEIXOEIRA (Almoco)

- JUNTA DE FREGUESIA BAIXA DA BANHEIRA (Sessão comemorativa) JUNTA DE FREGUESIA BOBADELA (Sessão solene)

- JUNTA DE FREGUESIA BRANDOA (Debate)

- JUNTA DE FREGUESIA DE CUSTÓIAS (Colóquio) JUNTA DE FREGUESIA DE OLIVEIRA DOURO (Sessão solene)

- JUNTA DE FREGUESIA LAVRADIO (Sessão solene) - JUNTA DE FREGUESIA LINDA-A-VELHA (Sessão comemorativa) - JUNTA DE FREGUESIA LOURINHÂ (Sessão comemorativa)

- JUNTA DE FREGUESIA MONTARGIL (Sessão comemorativa) - JUNTA DE FREGUESIA PACO DE ARCOS (Sessão comemorativa)

- JUNTA DE FREGUESIA PAREDE (Sessão solene) - JUNTA DE FREGUESIA S. DOMINGOS DE BENFICA (Sessão comemorativa) - JUNTA DE FREGUESIA S. LOURENÇO - AZEITÃO (Almoço)

- JUNTA DE FREGUESIA STA. IRIA DA AZÓIA (Convívio) - JUNTA DE FREGUESIA TORNADA (Convívio)

- JUNTA DE FREGUESIA VENTEIRA - AMADORA (Sessão comemorativa) - JUNTA DE FREG, VILAR DE MOURO - CAMINHA (Sessão comemorativa) - JUVENTUDE SOCIALISTA DA BRANDOA (Debate)

MUSEU NACIONAL DO BOMBARRAL (Debate)

- SANDIM - TEATRO AMADOR (Debate

 SOC, INSTRUÇÃO MUSICAL DE PORTO SALVO (Sessão comemorativa) - SOCIEDADE RECREATIVA E MUSICAL TRAFARENSE (Colóquio)

CEDÊNCIA DE MATERIAL PARA EXPOSIÇÕES NAS COMEMORAÇÕES DO XXII ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

- ASSOCIAÇÃO CULTURAL E DESPORTIVA DE FERRAGUDO - ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE S.^{TO} ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - ASSOCIAÇÃO DO SUDOESTE ALENTEJANO

- BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ALMEIRIM - BIBLIOTECA MUNICIPAL MARQUESA DE CADAVAL - ALMEIRIM

- CÂMARA MUNICIPAL CANTANHEDE - CÂMARA MUNICIPAL DE MELGAÇO - CÂMARA MUNICIPAL GOIS

- CÂMARA MUNICIPAL GONDOMAR - CLUBE DESPORTIVO ESCOLAS DE PINHEL

- COM. PROM. ALMOÇO COM. DO 25 DE ABRIL - GUARDA

- ESCOLA BÁSICA 2, 3 - JÚLIO SAÚL DIAS-598J - VILA DO CONDE - ESCOLA BÁSICA 2, 3 DE ARRIFES

- ESCOLA BÁSICA INTEGRADA 2. 3 MESTRE DE AVIS - 238Y - AVIS - ESCOLA C+S DE OLIVEIRA DE FRADES

- ESCOLA C+S DE S. MAMEDE DE INFESTA

- ESCOLA C+S SACADURA CABRAL - CELORICO DA BEIRA

- ESCOLA E.B. 2 E3 DE AGUIAR DA BEIRA

- ESCOLA E.B. 2/3 - PROF. ALBERTO NERY CAPUCHO - M. GRANDE

- ESCOLA E.B. 2, 3 DE ANADIA

- ESCOLA E.B. 2, 3 DE CALDAS DAS TAIPAS - ESCOLA E.B. 2, 3 DE MARRAZES - ESCOLA EVARISTO NOGUEIRA - SEIA

- ESCOLA PREPARATÓRIA DE VALPACOS - ESCOLA PREPARATÓRIA DO CADAVAL

- ESCOLA PROFISSIONAL DE AGRICULTURA DE CISTER ESCOLA SECUNDÁRIA D. MANUEL MARTINS - SETÚBAL

- ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALENOUER - 867 - ESCOLA SECUNDÁRIA DE VINHAIS - 682

- ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JÚLIO MARTINS - ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL CARGALEIRO - SEIXAL - ESCOLA SECUNDÁRIA PEDRO NUNES - LISBOA

- INATEL - PORTO - JUNTA DE FREGUESIA DE TORNADA

JUNTA DE FREGUESIA DE STO. ANDRÉ - JUNTA DE FREGUESIA DO SEIXAL

O desporto é uma porta privilegiada para o acesso da juventude ao 25 de Abril.

É, também, meio de a A25A estabelecer e manter laços de relacionamento com muitas entidades cuja intervenção social na vida portuguesa é significativa.

Para além da participação habitual de gente adulta, nas comemorações desportivas do XXII Aniversário do 25 de Abril, organizadas pela nossa Associação, estiveram presentes cerca de 3.000 (três mil) jovens. E, empenhadas na organização ou em colaboração diversa, entraram nelas dezenas de autarquias (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), inúmeras Associações desportivas e escolas, a Federação das Colectividades, a Casa Pia de Lisboa, três Federações e três Associações desportivas e muitos técnicos e dirigentes.

Foram duas as actividades levadas a caho:

FESTA JOVEM



Teve lugar no dia 20 de Abril, em conjunto com a Câmara Municipal de Almada, no Complexo Municipal de Desportos "Cidade de Almada" e com a colaboração técnica da Federação Portuguesa de Trampolim e Desportos Acrobáticos, da Associação de Ginástica

de Lisboa e a Associação de Ginástica do Distrito de Setúbal.

A FESTA JOVEM deste ano aproximou-se mais da ideia que, desde o início, se pretende fazer vingar na realização: à sombra de Abril, promover o convívio festivo de jovens praticantes de ginástica, em moldes, tanto quanto possível, diferentes do tradicional sarau de clube, com a finalidade de deixar em todos uma recordação de alegria alusiva à data e um incentivo à prossecução de uma actividade física saudável.

A inclusão de números não exclusivamente gímnicos, como foram o caso de jogos educativos, de dança e tradicionais portugueses, foi factor de valorização da FESTA JOVEM. Também se considerou valorosa a participação da Banda Juvenil da Casa Pia de Lisboa.

O número de participantes - cerca de 1,200 - correspondeu ao programado.

CORRIDA DA LIBERDADE

A decisão de se realizar um desfile militar na Avenida da Liberdade na hora prevista para a Corrida, levantou alguns problemas de organização, que foram, no entanto, satisfatoriamente ultrapassados.

Confirmou-se o que, nas últimas edições, se vinha já verificando: a par de significativo número de "veteranos" para quem participar na "Corrida da Liberdade" já um ritual, a gente mais nova compareceu de forma massiva e enussistica

Dos cuidados postos na organização pelos técnicos, bombeiros, médicos, e também do excelente trabalho da PSP e do acompanhamento rádio do Caparica C.B., resultou numa festa desportiva muito bela, como se pretendia e o 25 de Abril merece.

Para todos os que colaboraram com a A25A nas comemorações desportivas deste ano, aqui fica o nosso agradecimento.



O "25 DE ABRIL" EM AMSTERDÃO

A convite da APA - Associação Portuguesa de Amsterdão, tive o prazer de representar este ano a Associação 25 de Abril, nas comemorações que aquela levou a efeito na sua sede, por ocasião do 22.º Aniversário da data em que se iniciou a Revolução dos Cravos.

A "APA", cujos associados são, na sua esmagadora maioria, portugueses há muito radicados na Holanda, desenvolve um notável e constante conjunto de actividades culturais, desportivas e de convívio em geral, que permitem aos portugueses que residem em Amsterdão, o reforço dos lagos de amizade e de camaradagem entre compatriotas, não esquecendo o apreciável número de holandeses, que por razões

familiares ou de simples amizade, também frequentam as suas muito condignas instalações. Patrocina ainda uma pequena estação radiofónica em FM – CÁ & LÁ – RADICAL, que emite programas em fingua portuguesa, duas vezes por semana.

No día 25 de Abril realizou-se um jantar comemorativo com grande assistência, incluindo muita gente jovem, durante o qual tive ocasião de felicitar a Direcção e os Associados pelo espírito de portuguesismo que alimentam, e pelo reconhecimento de que a Liberdade reconquistada numa data, deve ser motivo de satisfação e de orgulho para todos os portugueses, onde quer que vivam.

Como nota interessante e que considero

significativa, fui ainda informado que, apesar das dificuldades que todos os países europeus sofrem em maior ou menor grau, não se registam desempregados na colónia portuguesa e seus descendentes, residentes na Holanda.

Por fim gostaria de deixar registado, em meu nome e da minha mulher, que me acompanhou nesta visita, o nosso profundo reconhecimento à Direcção da APA e aos seus associados pela forma carinhosa e amável como fomos recebidos e pelas amizades que estabelecemos e desejar-lhes continuação do excelente trabalho e muitas felicidades para o futuro.

ANTÓNIO ALVA ROSA COUTINHO

COMEMORAÇÕES DO 22.º 25 DE ABRIL

De acordo com o previsto e considerando as condições existentes, foram poucos os actos comemorativos organizados pela A25A. Da medalha e do cartaz / autocolante editados já demos notícia. É hora de divulgar as outras actividades...

JANTAR CONVÍVIO

Realizou-se em 24 de Abril, nas instalações da Casa Pia, com algumas características novas, que nos faziam temer pelo seu sucesso: como a idade de muitos dos convivas vai aumentando, e com ela vai diminuindo a resistência à incomodidade, optámos por um jantar sentado, ainda que em regime de self-service, a isso se juntando a necessidade de uma inédita inscrição prévia.

A aposta foi ganĥa. Há muito tempo que não tinhamos uma participação tão alargada. E por isso vamos continuar com esta aposta. Melhorando, como é natural, alguns aspectos que fizeram com que o decorrer do jantar não correspondesse totalmente áquele sucesso. Com efeito, apesar de todo o esforço e boa vontade do nosso associado Francisco Sanchez, organizador do jantar, nada se pôde fazer perante uma sala que não comportava tanta gente, nem perante uma linha de distribuição que não dava vazão às necessidades (as inscrições de última hora são as grandes responsáveis...)

Vamos continuar, vamos melhorar, mas para isso é fundamental que os interessados se inscrevam todos a tempo...

PROVAS DESPORTIVAS

Mais uma vez se deu grande importância às manifestações desportivas. Como vem sendo hábito, tendo como responsável pela organização o vogal da Direcção Manuel Rodrigues. Que vem contando com a grande colaboração do associado Jorge Ribeiro.

CORRIDA DA LIBERDADE

Organizada em colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa, a Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio e a Junta de Freguesia da Pontinha, mais uma vez teve enorme participação nos vários percursos da corrida pelas ruas de Lisboa. É já uma tradição de mais de dez anos, que vamos continuar...

FESTA JOVEM

Organizada em colaboração com a Câmara Municipal de Almada, começa a ganhar lugar nos eventos gímnicos do País, com a participação de mais de um milhar de crianças. E já uma das jornadas principais das comemorações do 25 de Abril, quer pelos participantes jovens que reúne, quer pela qualidade da actividade desenvolvida. Aposta recente, mas vitoriosa, é para continuar...

COMEMORAÇÕES POPULARES

A A25A voltou a participar na Comissão Promotora das Comemorações Populares do 25 de Abril, que tiveram o seu ponto culminante na manifestação que desceu a Avenida da Liberdade até aos Restauradores. Aí, na presença de dezenas de milhares de manifestantes, que teimam, em cada ano, reviver Abril neste espaço tão significativo, usaram da palavra, uma jovem em nome das organizações de juventude participantes, e Vasco Lourenço em nome da comissão promotora.

É a intervenção do presidente da Direcção da A25A que transcrevemos de seguida:



Há precisamente 22 anos, estas ruas da nossa Lisboa (como aliás por todo o país) estavam invadidas pelos militares do MFA que, aproveitando as condições criadas pela luta de tantos e tantos portugueses contra o regime fascista e as contradições que este gerara, haviam decidido arrancar para uma jornada de libertação que, vitoriosa, se transformaria numa das principais gestas dos portugueses ao longo da sua quase milenária história. As ruas desta Lisboa



depressa se encheram também de povo participante que, ávido de liberdade e de democracia, de imediato acorreu a apoiar, incentivar e louvar os que assumiram ser intérpretes dos seus mais genufinos anseios e aspirações. Foi a jornada gloriosa que hoje aqui recordamos e festejamos. Recordamos e festejamos o início do fim da ditadura, do fascismo, do autoritarismo e do obscurantismo. Recordamos e festejamos o início do fim da guerra colonial. Recordamos e festejamos o abrir de sonhos e de esperanças, numa jornada que se acreditava plena de felicidade.

Ao comemorarmos hoje essa data, em primeiro lugar, homenageamos todos os que se identificam com Abril: não só os que o fizeram, mas também os que lhe prepararam o terreno, e igualmente os que lhe devem continuidade e os que têm defendido e continuam a defender.

Mas, como Abril é o futuro, comemorálo é também reflectir sobre estes anos
passados para olhar melhor para o
amanhā. Reflectir sobre tudo aquilo que
se viveu, os anseios concretizados, as
desilusões, mas também as esperanças e
os sonhos que se mantém.

Nós portugueses temos por hábito analisar o nosso passado com algum pessimismo. Esquecendo rapidamente o passado, costumamos comparar o presente não com esse passado mas sim com o futuro que então idealizámos. Contudo se tivermos a preocupação de comparar as diversas realidades, facilmente concluiremos que o Portugal de hoie é bem melhor que o Portugal de há 22 anos. O que não implica, de maneira nenhuma, qualquer posição de conformismo. Devemos querer sempre melhor, não podemos deixar morrer o que continuamos a sonhar. Ou não fosse o 25 de Abril um sonho permanente!...

Por isso, devemos renovar a nossa determinação em defender os bens conquistados, contra os inimigos da liberdade e de democracia. Como devemos, igualmente, fortalecer a vontade de lutar pela realização do muito que

ainda há por fazer. No caminho por uma sociedade cada vez melhor, cada vez mais democrática, mais igual, mais livre. Uma sociedade onde a paz, a igualdade racial, a solidariedade sejam um facto; onde se defenda o ambiente, em vez de o deteriorar em cada dia que passa; onde se lute pela erradicação da pobreza e da exclusão social e se procure a dignificação de todos os cidadãos. Uma sociedade onde se construa um futuro cada vez melhor para os nossos filhos. Renovando a esperança, rasgando novos horizontes para Portugal e para os portugueses. Mantendo vivas a sede de liberdade e de justica.

Este ano festejamos também o alívio que sentimos quando verificámos que a mioria dos portugueses foi capaz de usar a liberdade para dizer basta aos defensores do autoritarismo, da intolerância, da arrogância e da insensibilidade. Aproveito para, daqui, saudar o povo italiano que este ano está também a festejar o seu 25 de Abril, depois de uma grande vitória das forcas de esquerda.

Não podemos, no entanto, acomodarmo-nos. Não podemos, como é hábito. convencermo-nos de que cabe aos outros lutar pelos nossos valores, pelo nosso futuro. Por mais que acreditemos na mudança, temos que ter permanentemente presente que é essencialmente a todos, a cada um de nós, que cumpre lutar pelos nossos ideais. A liberdade, por si só, não resolve os problemas. A democracia é sinónimo de participação, é sinónimo de responsabilidade cívica. Não nos demitamos de continuar a lutar pelo aprofundamento dos valores de Abril. Não cedamos perante o medo, que a insegurança, o aumento de desemprego, o clima de angústia perante o futuro vêm criando.

Desenvolvamos essa luta de forma solidária, colectiva, não transigindo face ao individualismo, ao egoísmo, que se tem vindo a instalar na sociedade portuguesa. O futuro está, terá de estar, numa sociedade mais solidária, mais livre, mais igual, com paz, com bom ambiente, enfim, numa sociedade onde os valores de Abril se vivam no dia a dia.

Isso só será possível, reafirmamo-lo. com uma permanente e eficaz participação cívica. Uma participação que passa por não abdicar, nem aceitar que os responsáveis abdiquem, dos valores de Abril. Não se pode ter medo de assumir plenamente, quando no poder, esses valores com que sonhamos permanentemente. As chantagens da direita, assumam a imagem que assumirem, não podem condicionar-nos e fazer-nos recuar na vontade de levar à prática os nossos valores e ideais de sempre. E, se reconhecermos que algo tem estado mal. seia nos procedimentos policiais, seja no preenchimento de lugares públicos por razões políticas, não podemos limitar-nos ao reconhecimento público desses factos. É obrigação, é dever de quem detém o poder, agir em conformidade. A esquerda. normalmente, tem receio de se assumir e nem a prática do despudor da direita. quando ocupa algum poder, lhe serve de

Nesse sentido, porque considero que nos devemos assumir, aqui fica um desafío ao actual governo: porque não baptiza a nova ponte sobre o Tejo com o nome de um símbolo de Abril, do regime democrático, por exemplo Zeca Afonso ou Salgueiro Maia? Isso ao mesmo tempo que terá de impôr o cumprimento das regras ambientais. Porqué um nome tão do passado, como o que anterior governo lhe decidiu atribuir? Ou será que mais

uma vez iremos aceitar a hipocrisia que leva a que os nossos símbolos nunca sejam considerados suficientemente consensuais?

Contudo, não nos distraiamos com este tipo de problemas, que sendo mais relevantes do que à primeira vista possa parecer, pois ajudam a definir a matriz do regime, não devem esgotar o nosso empenhamento.

Tenhamos presente que a nossa luta, a nossa participação cívica terá de visar, também e fundamentalmente, outros objectivos. Não nos chega que os direitos formais nos sejam reconhecidos. Impõese a sua concretização. Por isso, o Estado não deve alhear-se e deve mesmo chamar a si a responsabilidade de garantir, em níveis adequados, serviços fundamentais, seja a saúde, o ensino ou a segurança social. Tal como se deve igualmente responsabilizar pela criação de um ambiente ecologicamente equilibrado e pela resolução dos mais graves problemas habitacionais das grandes ciadaes.

A nossa luta passa também pela defesa de uma União Europeia que pugne pela resolução dos problemas sociais e de todos os seus componentes e não pelo aumento das desigualdades entre os vários povos que a compõem. Como passa também, neste ano de revisão constitucional, por evitar que esta retire ao nosso diploma fundamental os valores da liberdade, da igualdade, da justiça social e que matenha um sistema eleitoral que se consubstancie numa verdaderia, correcta e genuína representação da vontade colectiva.

Permitam-me que, por último, me refira à juventude. Juventude que não conheceu a ditadura e hoje experimenta dificuldades. A sua participação na luta cívica é fundamental, por isso impõe-se que ela, juventude, se mantenha nessa luta, se empenhe nela cada vez mais, rasgando caminhos, contribuindo para a diminuição de assimetrias sociais, para a humanização da vida, convivendo na diferença de cultura, credos e tradições. Consciencializada de que só assim conseguirá um futuro digno. Juventude com dificuldades, sim, mas castrada nunca!

Por nós, aqui reafirmamos o compromisso público com o regime democrático, na fidelidade aos valores da liberdade, que há 22 anos nos levaram ao sonho que hoje continuamos a viver.

Viva o 25 de Abril

Viva Portugal

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL NO NORTE



Jantar de Confraternização - Corte do Bolo de Aniversário

As comemorações do corrente ano tiveram como novidade, no plano organizativo, a circunstância de a Delegação do Norte da A25A ter sido convidada a integrar a Comissão Executiva das comemorações organizadas pela Câmara Municipal do Porto, convite ao qual procurou corresponder dentro de um espírito da maior colaboração. O lema das comemorações intitulou-se "20 Anos da Constituição de Abril: Lembrar e Cumprir"

Para o efeito, foram integrados no programa global da CMP as seguintes iniciativas da A25A:

- 13 Abril Conferência pelo Prof. Dr.
 Jorge Miranda, subordinada
 ao tema: "20 Anos da
 Constituição de Abril Subsídios para a sua revisão".
- 20 Abril Jantar de confraternização, no Hotel Tuela, no Porto (organização em conjunto com o Clube de Sargentos).
- 25 Abril Participação numa manhã infantil, nos jardins do Palácio de Cristal, através da distribuição do livro "O Tesouro", de Manuel Pina (edição conjunta APRIL-A25A).

- Participação nos festejos populares organizados pela União dos Sindicatos do Porto e Federação das Colectividades do Distrito do Porto, mediante a leitura de uma mensagem da delegação da A25A, por um dos membros da respectiva direcção. Da conferência proferida pelo Prof. Dr. Jorge Miranda, no auditório da Reitoria da Universidade do Porto, merece particular destaque a circunstância de a maior parte da assistência ser constituída por alunos das diversas faculdades de Direito do Porto. Da interessante exposição do ilustre constitucionalista há a realçar o seu apoio a uma revisão limitada do texto constitucional – para exclusivo aperfeiçoamento do seu conteúdo e a serena defesa da regionalização.

O jantar de confraternização, que reuniu cerca de 90 pessoas, concluiu-se com um animado programa de música e variedades.

Para além destas iniciativas, incluídas no programa da C.M.P., a Delegação do Norte, correspondendo a convites das entidades organizadoras, enviou representantes a várias comemorações em Municípios, Juntas de Freguesia, Escolas e Fábricas onde, consoante as circunstâncias, foram proferidas conferências ou, simplesmente, se manteve com o público um diálogo esclarecedor do significado da data do 25 de Abril.



Conferência "20 anos de Constituição de Abril – Subsídios para a sua Revisão" num momento de intervenção do Prof. Jorge Miranda

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL NO CANADÁ

Imaginar que iria participar nas comemorações do 22.º aniversário do 25 de Abril no Canadá era hipótese que estava arredada do meu espírito há algumas semanas atrás, antes de ter sido indigitado pela Direcção da Associação 25 de Abril

para a representar nas cerimónias levadas a efeito pela Delegação da Associação em Toronto, Estado do Ontário.

Afinal, os ideais do 25 de Abril estão bem vivos e presentes no

Canadá como ficou plenamente patenteado pela vibração e emoção com que Abril foi comemorado e pelas inúmeras provas de amizade e simpatia dispensadas por autoridades municipais e pelos membros da Comunidade Portuguesa Residentes no Canadá associados em torno da Delegação da Associação 25 de Abril em Toronto, em particular, por parte da sua direcção.

Do programa previsto constava uma visita à Câmara Municipal de Toronto (City Hall) onde fui recebido pelo Vereador Sr. Martinho da Silva e obsequiados com a oferta de um exemplar da obra "THE STORY OF TORONTO'S SKYDOME" não tendo sido possível o contacto com outro Vereador também de origens portuguesas, Sr. Mário Silva,

O ponto alto das comemorações centrouse no jantar oficial do 25 de Abril na Casa do Alentejo com a presenca do Cônsul Português em Toronto Dr. António Montenegro, do Deputado do Parlamento Provincial Dr. Carlos Faria, do Vereador Municipal Sr. Martinho da Silva, do Presidente do Congresso Luso-Canadiano Dr. Tomaz Ferreira, do Presidente da Aliança dos Clubes e Associações Portuguesas do Ontário Sr. Mário Ruivo, da Direcção da Delegação da Associação 25 de Abril, de Associados e Convidados.

Durante o iantar foram feitas algumas intervenções e entregue à Câmara Municipal de Toronto, na pessoa do Sr. Vereador Municipal presente, a medalha comemorativa do 22.º aniversário do 25 de Abril. Foi recebida uma mensagem do Sr. vereador Mário Silva que, na impossibilidade de estar presente no jantar quis, desta forma, assinalar a presença na cidade de Toronto do representante da

Associação 25 de Abril formulando votos para que: «em qualquer parte do mundo onde haja um português, ele "viva" sempre Abril».

... mensagem do Sr. vereador Mário Silva... «em qualquer parte do mundo onde haja um português, ele "viva" sempre Abril».

Naturalmente, constitui inolvidável experiência comemorar a data libertadora do 25 de Abril a milhares de quilómetros de Lisboa conjuntamente com os compatriotas que na busca de melhores condições de vida, quando não da própria liberdade que ... os ideais do 25 de Abril

estão bem vivos e presentes

no Canadá como ficou

plenamente patenteado pela

Abril foi comemorado...

lhes era negada no país de nascimento. tiveram um dia que partir para terras canadianas. Bem haja pela

vibração e emoção com que hospitalidade tão tipicamente portuguesa e pela elevada demons-

tração de apego aos ideais de Abril que me foi dado compartilhar e constituem garante de que o 25 de Abril, como estado de espírito perante a vida, poderá ser prolongado no espaço e no tempo e estar presente onde estiver um Português.

JOÃO VILLALOBOS FILIPE

Discurso do representante da A25A, no iantar comemorativo na "Casa do Alenteio" de Toronto

É com enorme satisfação que me encontro entre vós, comemorando uma data histórica tão importante como o 25 de Abril.

É com orgulho que aqui represento a Associação 25 de Abril.

É com emoção que registo o vosso apego à liberdade e o vosso amor à nossa velha pátria.

Afinal, há 22 anos, nós militares, trabalhámos arduamente para que cada português tivesse orgulho em o ser, em qualquer parte do mundo, e isso parece estar bem patente hoie e aqui.

Ninguém de boa-fé pode deixar de ter em linha de conta o contributo dado a Portugal pelas suas Comunidades.

Ninguém de boa-fé pode, hoje, deixar de contar com a contribuição de todos os portugueses para a construção de um País democrático, moderno e soberano.

Independentemente do local em que cada um se encontre .

Independentemente da ideologia que cada um defenda.

Independentemente das ideias de

desenvolvimento que cada um partilhe. O que está verdadeiramente em causa, no limiar do ano 2000 é que Portugal não dispense quaisquer contributos e que os portugueses

se sintam como

factores actuantes e determinantes quanto ao futuro do seu País.

Obrigado pelo vosso exemplo.

Obrigado pela vossa determinação. E o que é que um militar vos pode dizer

passados 22 anos sobre a data histórica que hoje se comemora? - Em primeiro lugar, que o País que se foi,

entretanto, construindo, é um País livre, tolerante, respeitado no contexto internacional.

- Em segundo lugar, que é um País soberano, um País moderno no contexto político do termo.

- Em terceiro lugar, que é um País que tende a não se envergonhar da sua história e que começa a ser solidário em termos de cooperação.

Não será um País perfeito, mas é, seguramente, o País que os portugueses entendem dever ser.

E isso, sem sombra de dúvida, constituiu um dos pressupostos essenciais do 25 de Abril

- Dar aos portugueses a possibilidade de determinarem a história do seu País.

Modestamente, hoje, gostaria de vos transmitir duas ideias que no futuro próximo, ajudarão a construir em Portugal a majoridade necessária em termos de participação política.

- Organização da sociedade civil - Reforco da identidade regional

No que à primeira diz respeito, a verdade é que o País necessita de fazer ouvir a voz da sociedade civil, fora do contexto alinhado do poder ou da oposição, em exercício democrático onde se reúnam cidadãos sobre questões pertinentes e

No que concerne à identidade regional, a verdade é que passados 22 anos ainda não foi dada resposta a um princípio importante que a Constituição consagra:

- a AUTONOMIA REGIONAL.

Saberão, certamente, começar a sentir-se no nosso país o peso da voz das organizações não governamentais sobre questões ecológicas, ambientais e mesmo culturais.

Saberão, certamente, estar na ordem do dia a questão séria da regionalização.

Ultrapassados estes dois problemas, seriamente, estarão cumpridos os contornos delineados no Programa do MFA.

- DESCOLONIZAÇÃO
- · DEMOCRACIA · DESENVOLVIMENTO

VIVA O 25 DE ABRIL! VIVA A LIBERDADE! VIVA PORTUGAL!

CENTRO

COMEMORAÇÕES DO 22.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL

Na sequência do que tem sido feito em anos anteriores, a Delegação de Coimbra da Associação 25 de Abril dinamizou, apoiou e patrocinou diversas iniciativas de entidades e organizações, no âmbito das comemorações do 22.º aniversário da Revolução e promoveu, também, actividades próprias, empenhando-se, ainda, mais directamente e activamente em algumas das primeiras iniciativas.

Assim, para além de haver apelado a todos os sócios e apoiantes da sua área de influência no sentido da sua participação empenhada na dinamização local das come-

MANTENHA
AS
QUOTAS
EM

DIA

morações, a Direcção da Delegação apoiou e patrocinou o programa levado a efeito na cidade de Coimbra pela Câmara Municipal e pela Comissão Promotora das Comemorações Populares, integrando-se nas respectivas actividades, bem como nas iniciativas desenvolvidas pela Associação "Pro Urbe - Associação Cívica de Coimbra".

Das actividades próprias e autónomas promovidas pela Delegação de Coimbra da A25A, salientam-se:

- Jantar/Debate sobre o tema "Democracia, Regionalização e Coesão Nacional", no dia 12 de Abril, tendo sido conferencista o Prof. Dr. José Reis, da Faculdade de Economia de Coimbra e actual Presidente da Comissão de Coordenação da região Centro.
- Almoço/Convívio de sócios e apoiantes, no dia 25 de Abril.
- Exposição de serigrafias e medalhas da A25A, na Galeria "Santa Clara".



Como foi atrás referido, a Direcção da Delegação de Coimbra empenhou-se, ainda, no apoio mais directo e activo a duas acções culturais levadas a efeito nas Escolas C+S de Anadia e de Celorico da Beira

Enfim, o espírito e os valores do 25 de Abril estão bem vivos na região centro. Provam-no, à evidência, as inúmeras comemorações locais que, em todas as principais cidades e nos mais variados lugares, se realizaram, com ampla adesão e participação das populações. A região centro esteve em festa no dia 25 de Abril.

PROPONHA NOVOS SÓCIOS PARA A ASSA

A BOA MORAL DE ANTIGAMENTE

Há dias veio-me parar às mãos um velho papel com a incrível relação dos "documentos relativos à noiva" que tive de apresentar em Angola para alcançar o meu casamento, já Tenente, com mais de 25 anos, como se nos exigia também. Rezava ela:

- Certidão de nascimento de teor:
- Declaração do estado de solteira e de não ter filhos;
- Certidão comprovativa de que é Portuguesa originária, sem nunca ter perdido a nacionalidade e não ser divorciada;
- Certificado de comportamento moral e civil, bem como de seus pais, passado pelo administrador do bairro ou Presidente da Câmara, ou por dois oficiais de patente igual ou superior à do noivo, que declarem, por sua honra,

conhecer a nubente e o seu comportamento, bem como o de seus pais.

- Atestado médico em como não sofre de doença infecto-contagiosa, nomeadamente, tuberculose evolutiva;
- Declaração do pai, mãe, ou outra pessoa, em que lhe estabelece uma mensalidade não inferior a 1.000500. Esta declaração deverá ser confirmada por um Oficial Superior, responsabilizando-se pelo seu cumprimento.
- Informação prestada pelo Comandante.

Não parece deste mundo a invenção duma panóplia assim sortida de cretinices bafientas, mas o Salazarismo, com a ajuda de mastins tipo Santos Costa, era isto mesmo. Também se dizia que a Igreja do tempo apadrinhava esta "moralidade" e gostaria mesmo de a ver alargada a todo o funcionalismo.

Muitos camaradas nossos foram severamente punidos por irem até Espanha dar o nó. O meu Comandante de então, um raríssimo Coronel que não deixava "bater nos pretos". Coronel Araújo Ferreira para que honrosamente conste, seria também punido e transferido de Regimento por não denunciar os seus oficiais casados daquele modo, alegando que não se mecia na sua vida particular.

Os jovens oficiais de hoje, os jovens em geral, podem assim imaginar o que eram esses tempos hipócritas e duma falta de liberdade que atingia a esfera mais intima? Oxalá que sim.

Ah... É verdade!... apesar do jeito que me davam, deixei as Dona Marias no bolso do meu estimado sogro.

José Fontão

ANGOLA - DO ALVOR A LUSAKA

Pedro de Pezarat Correia com Prefácio de Ernesto Melo Antunes



ADQUIRA-O NA A25A DIRECTAMENTE OU ATRAVÉS DO CORREIO

ENVIE UM CHEQUE DE 2.900\$00 E RECEBÊ-LO-Á EM SUA CASA.

POUPE 1.000\$00 (PREÇO DE CAPA 3.880\$00) E AJUDE A SUA ASSOCIAÇÃO.

O OITAVO DIA DA SEMANA

Eu estava lá. Posso-lhe dizer que não saherei como foi possível caber tanta gente numa só voz. Faco-me entender? Eram muitas as vozes, milhares e milhares, mas havia uma que vinha de todas elas e ficava a pairar. Uma revoada, uma música de mar. Cada um de nós a ouvia à sua maneira. Eu ouvia-a a pensar no inverno de sessenta e cinco, o meu tio preso, o meu tio tinha-se envolvido nas greves da margem sul, as nossas visitas a Caxias, o pavor e a revolta, imagine com que coração atravessávamos os portões!, o vento a varejar as árvores quando saíamos. Ouvia-a também por entre as imagens da guerra nas fotos dos amigos, contaram-me estórias de arrepiar, iguais decerto a todas as estórias de guerra, mas havia uma diferença, na Guiné ou em Angola morriam tipos do meu bairro. tipos que jogavam matraquilhos nos cafés onde ja tomar a bica, um desses foi abatido a meio de um sorriso, o horror a preto e branco, corpos desfeitos no capim. navios carregados largando o cais. E o silêncio depois. O silêncio da angústia, o silêncio do luto.

Estava lá, mesmo junto dos blindados. A barba por fazer, cigarro atrás de cigarro, duas maçãs nos bolsos. Vim para a rua a esfregar os olhos, cheio de sono, e corri para o Carmo. Como a cidade inteira, afinal. Ou antes, como os que

Estava lá, mesmo junto dos blindados. A barba por fazer, cigarro atrás de cigarro, duas maçãs nos bolsos. Vim para a rua a esfregar os olhos, cheio de sono, e corri para o Carmo. Como a cidade inteira, afinal. Ou antes, como os que esqueceram o medo. Porque a derrota ainda poderia surgir...

esqueceram o medo.
Porque a derrota
ainda poderia surgir,
claro. A ansiedade
crescia, tornava-se
clamor, tantas palavras inventávamos,
nem calcula as
palavras que acolá
nasciam para
andarem de boca em
boca, a tropa

nervosa, um braco no gatilho, outro na festa, uma festa com subterrâneos de dúvida, note que não faltavam agoiros. preces, gestos temerosos. E lágrimas, lágrimas. Lembro-me sempre da velhinha. atrás de mim murmurando Jurem-me que é verdade, o rosário na mão, as contas caindo dos dedos até serem apenas cruz. murmurando e chorando, Jurem-me, um homem cortava presunto à navalha. oferecia aos militares, já o osso brandia no ar das palmas, dos punhos, das cantigas, alguém assomou a uma janela e pôs balões a subir, balões de feira, pombas de várias cores em viagem por cima dos telhados.

E, a dada altura, os tiros. Segundos de respiração suspensa, barulho de água a precipitar-se, a multidão em sobressalto. Os rostos fitando a entrada do Ouartel. Oue se passaria além daqueles muros onde estrebuchavam quarenta e oito anos de ditadura? Oue se passa, nosso cabo? Alguma novidade, senhor jornalista? Nada, conjecturas, rumores, Nada, No fundo da alegria sentíamos charcos, essa coisa pegajosa chamada angústia. O tal recejo de um desaire. Pequeno e imenso recejo, acredite. Entoámos o Hino Nacional, Gritámos Liberdade, Fascismo Nunca Mais, desejos assim. Desejos ou certezas, tudo se confundia, E Vitória, Vitória, quantos vês em movimento de onda contra o dique entretanto derrubado?, chegou a notícia da rendição, chegavam cravos, vermelhos, brancos,

... chegou a notícia da rendição, chegavam cravos, vermelhos, brancos, cravos, cravos, na raiz do sangue e no cano das espingardas, pão, chouriço, cerveja, não te perguntarei o nome, soldado a quem estendo uma das maçãs camoesas...

cravos, cravos, na raiz do sangue e no cano das espingardas, pão, chouriço, cerveja, não te perguntarei o nome, soldado a quem estendo uma das maçãs camoesas, não te perguntarei por que caminhos irás, chegariam sustos e

flores silvestres, transistores, ecos de um país amanhecendo, a História mudava de página, eu estava ali, percebe?, ali, uma criança trepara-me aos ombros para observar as varandas apinhadas, os carros de combate, o povo no Largo.

Creio que não, não chovia. De qualquer modo fazia sol, um sol de dentro, tão intenso como se o mundo começasse finalmente a conhecer a claridade. Sábado? Quarta-feira? Impossível recordar-me. Se calhar domingo, as pessoas desobrigadas do emprego. enchendo os passeios e as praças, Rossio, Chiado, Cais das Colunas, Os cacilheiros, as gaivotas do rio. E daí, deixe ver, os domingos são uma chatice, horas gastas de montra em montra, jardim em jardim, a remoer azedumes. Às vezes o cinema. sim. As praias na época do calor, o futebol. Domingo não, não podia ser. Teremos de imaginar um dia único. diferente dos sete dias da semana, um lugar para a dádiva e os abraços sem porquê, para o que jamais se repete, o insólito, o definitivo. Por exemplo, um oleiro no Terreiro do Paço. Um oleiro a tirar do barro crescentes de lua, flautas, placas à espera dos sinais por aprender. E, à volta, grupos a dançar. Dia único, garanto-lhe. A legenda de uma vida.

> JOSÉ MANUEL MENDES (Presidente da Associação Portuguesa de Escritores

AINDA O 25 DE NOVEMBRO

Do nosso associado Andrade da Silva recebemos uma carta. Retirando a parte relativa a questões administrativas, que não cabem no espaco deste Boletim, publicamos toda a sua argumentação em torno do "25 de Novembro". E não é porque queiramos ressacir-nos das "indirectas" que nos lança por não termos publicado um seu texto anterior. Porque, a verdade, é que desde que assumimos a direcção de "O Referencial", nunça nos chegou às mãos qualquer texto assinado pelo Andrade da Silva. Tendo contactado sobre esta matéria o presidente da Direcção da A25A, fomos informados de que tem, de facto, recebido alguma correspondência do Andrade da Silva, ao qual tem respondido pessoalmente, mas da qual, ao contrário desta última, nunca constava a mínima sugestão para publicação. Por vezes, a economia do espaço obriga-nos a fazer opções e preterir alguns textos em benefício doutros. Por princípio nunca preterimos aqueles que veiculem opiniões contrárias sobre assuntos que vêm sendo tratados em números anteriores. A diferenca de opiniões dentro da A25A, particularmente quando se trata de divergências interpretativas sobre os acontecimentos em que todos participamos é, para nós, sagrada.

PPC

Quanto aos ditos, escritos, bocas, interpretações do 25 de Novembro é algo que já me aborrece sobretudo porque espero, sem resultado, que gente mais bem colocada que fale sobre o papel ou não papel das forças de esquerda, sobretudo dos que vieram a ser denominados como goncalvistas, a cujo grupo, julgo, que devem ter-me atribuído pertensa, o que não me desonra, muito embora em minha opinião só tenha pertencido ao MFA. Todavia tomei partido de crítica aos nove quando, via do seu "mui iluminado" documento, vi na boca de fascistas, corruptos e incompetentes a palavra salvadora da democracia. Valha-me Deus! - apesar do meu agnosticismo.

Quero também, já agora, dizer, quando há por aí tanta gente que evitou a guerra civil, que devo também reivindicar a sangue em terras alentejanas. De facto se no 25 de Novembro tivesse aceite propostas da LUAR para marchar sobre Lisboa com alentejanos armados, a confusão poderia ser muita, embora a vitória não viesse a fugir ao grupo que acabou por vencer em 25 Novembro 75, Interessa também acrescentar que o CEME de então, o general Fabião, não me deixou ir ajudar o brigadeiro Azeredo a arrumar o sistema de colonia quando aquele Sr., no seu período de revolucionário para o efeito me convidou e o gen. Fabião disse não, para bem da paz social e da tranquilidade em vastas áreas alentejanas. Facto que apesar da vossa desatenção foi uma realidade. Fui meus senhores um elemento estabilizador no Alentejo. Em boa verdade a evitação da guerra civil ou de mortos teve um largo concurso de boa gente.

minha quota-parte no evitamento de

Quanto à história do 25 de Novembro por experiência que vivi em reuniões sucessivas com elementos responsáveis do dito grupo goncalvista que seguia os preparativos militares dos nove e a sua cada vez maior aproximação a grupos reaccionários e mesmo fascizantes ou fascistas à moda portuguesa é suficiente para crer que o 25 de Novembro não foi uma acção do grupo gonçalvista, pelo menos tomando este na sua globalidade. De facto se alguns chamados goncalvistas tiveram iniciativa no 25 de Novembro fizeram-no de um ponto de vista putchista, individualista, arrogante e radical-burguês. De facto se houve gonçalvistas com iniciativa fizeram-no esquecendo o povo e parte substancial dos camaradas do referido grupo, que se não fossem capazes de tomar iniciativas militares de carácter operacional. poderiam neutralizar parte das forcas que tiveram no terreno em 25 Nov 75.

Embora apesar das vaidades pessoais julgo que a iniciativa do 25 Nov 75 não coube aos gonçalvistas. As hipóteses mais plausíveis serão, que aquela pertenceu ao Otelo, numa otelice, ou ainda ao Otelo sob a orientação dos nove, hipótese que me parece a mais provável. Admito também como hipótese que ainda os nove tenham jogado com alguns duplos, que infiltrados no grupo gonçalvista tivessem precipitado em alguns destes, nos mais vaidosos, uma acção precipitada, para dar o pretexto aos nove para agirem em contra-golpe, no que todos nós e os nove em particular tinham uma larga experiência.

Julgo que ainda é preciso saber quem foi quem em 25 Novembro e para a verdade da história o Vasco Lourenço contribuiu parcialmente, porque só diz o que lhe interessa; O Otelo diz pouco ou nada e outra muito boa gente opta pelo silêncio.

AINDA O CASO DA FRAGATA

A polémica sobre a "Fragata Gago Coutinho e o 25 de Abril", aberta nas páginas de "O Referencial", nasceu com um texto do Fisher Lopes Pires, no nosso número de Out./Dez. 95. Surgiu como um rebate de consciência do autor, face a declarações por ele próprio anteriormente prestadas num programa televisivo e que veio a sentir necessidade de corrieir e clarificar.

O texto do Fisher Lopes Pires motivou, como era previsível, várias respostas, nomeadamente dos nossos sócios Victor Crespo, Caldeira Santos e Vaza Pinheiro.

Admitiamos que o assunto pudesse ser considerado encerrado, até "(...) será a minha verdade e desejo que fique bem claro, desde já, que me recuso terminantemente a discuti-la com quem quer que seja. Admito que, para algumas pessoas, esta verdade não seja considerada como tal. Admito-o mas recuso-me frontalmente a discutir o assunto."

Quando o Fisher Lopes Pires, informalmente e em encontro casual, já conhecedor das respostas que o seu texto merecera, manifestou a intenção de voltar ao assunto, manifestei-lhe o meu desacordo pessoal e os inconvenientes que me pareciam óbvios. Como director de "O Referencial", porém, a minha atitude seria a que os princípios me obrigam: as páginas do boletim da A25A estão abertas à opinião dos sócios e não interrompem, nunca, um debate em aberto.

O Fisher concretizou a sua intenção e remeteu-me o texto "Ainda o caso da fragata", que a seguir se publica. Confessamos que, em nossa opinião, o texto pouco, ou mesmo nada, de relevante, adianta à objectividade com que o caso já tinha sido tratado em números anteriores. Mas respeitamos o desejo do seu autor.

Obviamente que também o direito de resposta será integralmente respeitado. No próximo número "O Referencial" reservará o espaço necessário aos associados que, eventualmente, queiram responder ao último texto do Fisher Lopes Pires. Posto, o que, então, consideraremos este tema definitivamente encerrado nas páginas do nosso boletim. Para já insere-se, a seguir ao texto de opinião de Lopes Pires, um "Comentário da Direcção" da A25A que, sendo, evidentemente, da exclusiva responsabilidade da Direcção da Associação conta com a concordância global da Direcção de "O Referencial".

Quando comecei a escrever o artigo "O 25 de Abril e a Fragata" Almirante Gago Coutinho", publicado no número 41 de "O Referencial", tive perfeita noção de que ele iria provocar reacções em alguns sectores da Marinha.

No entanto resolvi levar até ao fim a minha intenção, não pelo desejo de entrar em confronto com quem quer que fosse mas porque considerei ser um dever de consciência tornar públicas as conclusões a que chegara após uma pesquisa e uma análise que procurei realizar o mais imparcialmente possível.

Não conhecia o Comandante Louçã nem fui alvo de quaisquer pressões condicionantes do meu comportamento. Mas tendo, através da Comunicação Social, posto em causa a sua imagem e procurado posteriormente esclarecer uma situação que sempre me parecera confusa, a minha formação moral impunha-me que tomasse uma posição pública de desagravo.

Apresentei, assim, aquilo a que chamei "a minha verdade", baseada fundamentalmente em dois documentos notáveis de imparcialidade e isenção, em tudo dignos do integro carácter dos seus autores: O depoimento do Almirante Rosa Coutinho e o auto de averiguações elaborado pelo Almirante Santos e Silva.

Ao apresentar "a minha verdade" admiti perfeitamente que houvesse "outras verdades" mas recusei-me a discuti-las, bem como à minha. Não por me considerar detentor absoluto do saber e menos ainda por sobranceria. Apenas porque, para mim (pelo menos nas suas linhas gerais), o assunto estava devidamente clarificado e, por outro lado, o progressivo agravamento do meu estado de saúde levava-me a considerar que não deveria desperdiçar em controvérsias inúteis algum do tempo que ainda me resta de vida.

Tal como previra, as reacções surgiram. Mas, com supresa minha, não foram apenas as que contestavam a minha perspectiva pois recebi vários telefonemas de Oficiais da Armada sócios da A25A que, conforme disseram, desejavam transmitir-me o seu apreço pela forma isenta e frontal como o assunto fora abordado.

Todas estas manifestações de crítica e de apoio tiveram um especial significado para mim e não posso deixar de transmitir o meu agradecimento aos seus autores. Entendo que assim deverá ser sempre e, por isso, desgostou-me saber que em recente Assembleia Geral do Clube Militar Naval (realizada a 16 de Fevereiro p.p.) pela esmagadora maioria de um voto (23 a favor e 22 contra) Foi aprovada a decisão de impedir, nos "Anais" do Clube, qualquer discussão do caso da fragata.

Ao referir que no 25 de Abril fora nula a intervenção da Força Aérea e que a da Marinha poderia ser avaliada em 1%, de forma alguma pretendi rebaixar ou humilhar estes dois Ramos das Forças Armadas. O prestígio e as tradições gloriosas de qualquer deles seriam amplamente suficientes para aniquilar essa minha intenção se, estupidamente, ela tivesse existido.

Desejei, apenas, exprimir uma realidade que creio ser indesmentível. Desde a fase inicial de contestação puramente corporativa até ao final do período prérevolucionário tornou-se evidente que o chamado "problema dos decretos" era estruturalmente do Exército, que a Revolução seria decidida no terreno e que caberia às tropas terrestres a actuação fundamental, como veio a acontecer.

Por isso considero perfeitamente correcta a atitude de prudente, sábia e espectante neutralidade adoptada pela Força Aérea e pela Marinha. O desenrolar dos acontecimentos orientaria as suas actuações.

Mais ainda: Reconheço que idêntica prudência deveria ter sido adoptada por mim. Tenente-Coronel desde 1971 e pertencendo à Arma de Engenharia, eu encontrava-me totalmente a coberto de quaisquer consequências dos decretos, que apenas atinigam a Infantaria, a Cavalaria e a Artilharia. Por isso deveria conservar-me calmo e distante, embora seguindo com interesse a crescente contestação.

Mas quando, nos primeiro dias de Outubro de 1973, os jovens Tenentes e Capitães que haviam sido meus alunos na Academia Militar me puseram frontalmente a questão "Dodemos contar consigo?", a minha resposta só podia ser aquela que na realidade lhes dei: "Evidentemente que podem!".

E foi assim, esquecendo a tal prudente neutralidade que deveria ter adoptado, que me tornei no primeiro Tenente-Coronel a aderir ao Movimento dos Capitães, nele eme tendo empenhado de alma e coração.

Recordo estes factos não para me enaltecer ou alardear superioridade em relação aos que se mantiveram prudentes. Como já referi, considero correcta e sensata esta atitude de ponderação mas um dos meus graves defeitos foi sempre o de assumir frontalmente as minhas posições sem ter em conta as possíveis consequências da fresultantes da fresultantes

É lógico e indiscutível que, principalmente após a reunião de 13 de Março de 1974 no Clube Militar Naval, houve elementos da Marinha que encararam conscientemente o compromisso de neutralidade activa então assumido e desenvolveram o melhor dos seus esforços no sentido de ser possível concretizar o referido compromisso.

Esses elementos merecem todo o meu respeito mas, sem pretender ferir susceptibilidades nem melindrar ninguém, seja-me permitido manifestar a minha discordiacia relativamente a uma possível tese que me pareceu subjacente a algumas das contestações de que fui alvo: O incidente da fragata colocou em grave risco o sucesso do 25 de Abril e só a intervenção de elementos da Marinha assegurou a vitória da Revolução dos Cravos.

Trata-se de uma opinião respeitável e defensável, como todas. Mas a minha análise dos acontecimentos leva-me a outra perspectiva global baseada nas seguintes conclusões:

 A ordem recebida do Vice-Chefe do Estado Maior da Armada para a fragata se preparar para abrir fogo sobre as forcas revoltosas do Exército instaladas no Terreiro do Paço não teve qualquer desenvolvimento interno. Não foi dada ordem para "postos de combate", não foram especificados quaisquer alvos a atingir e, obviamente, não foi dada ordem de execução de fogo.

- 2) Se, porém, tal houvesse acontecido haveria que ter em conta a intervenção das baterias da Escola Prática de Artilharia que, provenientes de Vendas Novas, se haviam instalado na zona do Monumento a Cristo Rei.
- 3) Perante o aparecimento da fragata junto do Tereiro do Paço, foi transmitida a Salgueiro Maia a indicação para, tanto quanto possível, abrigar o seu pessoal e os seus blindados sob as arcadas, embora houvesse perfeita consciência de que a eventual protecção assim obtida era bustante limitada.
- 4) Quando, por volta das 11H00, é levantada a hipótese de "fazer dois tiritos para o ar" na sequência de informação recebida em fonia de que alguns tanques poderiam estar a preparar-se para fazer fogo sobre o navio, dada a inexistência a bordo de tiros de salva e tendo em consideração o exposto em 1), apenas poderiam ser utilizadas granadas de exercício (granadas inertes). Elas não teriam qualquer efeito contra alvos blindados e apenas poderiam intimidar os revoltosos, pelo barulho. Aliás, seria essa accão dissuasora e de aviso a finalidade da eventual execução dos dois tiros de exercício.

No entanto esses tiros, sendo perigosos para os civis (que se pretendia não atingir), impunham um cálculo cuidadoso do tiro, com trajectória muito elevada e ponto de queda seguro (o Mar da Palha, por exemplo). Tudo isto levaria algum tempo e nada chegou a ser accionado nesse sentido.

- 5) A hipótese de os blindados de Salgueiro Maia fazerem fogo sobre a fragata (provocando, como reacção, os tais dois tiros para o ar) nunca seria possível de concretizar pois as tropas da Escola Prática de Cavalaria não dispunham de munições para os canhões por não ter sido possível ir buscá-las aos paíóis. Apenas seria vidvel fogo de metralhadora, totalmente ineficaz contra o navio.
- Quando surge a hipótese de serem efectuados dois tiros de exercício (cerca das 11H00), a sua eventual execução em nada afectaria a situação no Terreiro do

Paço pois, pelas 10H40, completara-se a rendição dos carros de combate comandados pelo Brigadeiro Junqueira dos Reis que haviam procurado opor-se a Salgueiro Maia.

7) A missão atribuída, na Ordem de Operações, à Escola Prática de Cavalaria limitava-se ao controle de acessos ao Banco de Portugal e à Rádio Marconi, vindo a ser alargada à ocupação do Ministério do Exército.

Face ao desenrolar dos acontecimentos foi, posteriormente, decidida a deslocação dessas forças para o Largo do Carmo.

Mas se, por quaisquer razões, não tivesse sido viável concretizar-se a movimentação referida, a situação seria ultrapassável por recurso a outras forças disponíveis, por exemplo a C. Cac, 4246 que às 10H49 se encontrava já em Vila Franca de Xira, vinda de Santa Margarida.

8) No meu entender, os maiores riscos a que o 25 de Abril esteve sujeito e que poderiam ter alterado a situação foram as eventuais intervenções dos Paraquedistas e dos F-86, insistentemente solicitadas pelo poder derrotado mas que não foram concretizadas.

Repito que estas minhas conclusões, questionáveis como tudo o que é humano, não pretendem atingir nada nem ninguém. Traduzem uma perspectiva puramente pessoal, podendo ser consideradas como complemento da "minha verdade".

Quase sem dar por isso, alonguei-me excessivamente. Aqui ficam, desde já, as minhas desculpas. Mas, apesar disso, considero não dever terminar sem reproduzir um extracto de uma carta recentemente enviada ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral do Clube Militar Naval por um Oficial da Marinha, a propósito da Assembleia Geral já referida.

Nunca tive contacto estreito com esse Oficial mas sempre o considerei um homem íntegro, merecedor do maior respeito e da maior consideração. Trata-se do Comandante Luís da Costa Correia, a quem apresento as minhas desculpas pelo abuso que vou cometer.

Escreve ele, a dada altura:

"(...) Como todos os movimentos militares, o 25 de Abril teve na sua génese profundas contradições e mal-entendidos,

Há que não os esquecer. Fazem parte da História.

Um deles refere-se precisamente à fragata "Almirante Gago Coutinho" e, curiosamente, foi um insuspeito camarada de armas do Exército que sobre tal escreveu um dos melhores resumos que até ao momento li. Foi na revista da Associação 25 de Abril, muito recentemente.

Dele infere-se um apelo ao sarar de feridas, passados que foram todos estes anos. Caminhe-se nesse sentido, mas só após tudo esclarecido, como numa discussão entre amigos. (...)".

Estas palavras finais do Comandante Costa Correia correspondem integralmente ao meu pensamento. Na verdade. Aliás foi essa a orientação que procurei seguir, quer neste artigo quer no anterior. Penso, sinceramente, que só assim será possível contribuir para o devido esclarecimento de pontos ainda obscuros da nossa História recente.

As minhas intervenções sobre o caso da fragata terminam aqui, em definitivo,

Uma vez mais agradeço sinceramente os apoios e as contestações de que fui alvo. Para os seus autores vai um abraço cordial e sincero.

Nuno Fisher Lones Pires

COMENTÁRIO DA DIRECÇÃO

No seguimento da publicação no N.º 41 do Rreferencial de um artigo do nosso associado Fisher Lopes Pires sobre o que aconteceu a bordo da fragata "Almirante Gago Coutinho" no dia 25 de Abril de 1974, e que levou à publicação no número seguinte do nosso boletim de alguns artigos sobre o mesmo assunto, entre eles o testemunho directo de outros associados que participaram naqueles acontecimentos. pediu de novo o Ten. Cor. Fisher Lopes Pires para se publicar um outro artigo sobre o mesmo assunto, malgrado o facto de no seu artigo anterior ter afirmado recusar-se terminantemente a discutir a "sua verdade' com quem quer que fosse.

Lamenta a Direcção da A25A que o Ten. Cor. Fisher Lopes Pires, recorrendo à total abertura que o Referencial tem demonstrado para acolher as colaborações de todos os que queiram debater assuntos de interesse para a Associação, e em particular os que digam respeito ao 25 de Abril, entendido no seu sentido mais amplo, não tenha tido o bom senso de encerrar uma polémica desnecessária, e em nossa opinião inconveniente, com outros nossos associados: ao insistir naquilo a que o autor chamou a "sua verdade", sem acrescentar novos factos relativos àqueles acontecimentos do dia 25 de Abril de 1974, o nosso associado Fisher Lopes Pires põe claramente em causa a verdade dos outros, tão respeitável como a sua. Não resultaria grande mal ao mundo se o assunto tratado fosse de natureza puramente académica. Infelizmente, vem deitar achas para uma fogueira que arde há mais de 22 anos.

O Comandante da fragata "Almirante Gago Coutinho", Cap. Frag. Seixas Louçă, desde 1974 que tenta alterar a imagem pública que resultou da sua actuação naquela data, tanto mais resentida por ele quanto era conhecida, o que nunca ninguém pôs em dúvida, a sua antipatia pelo regime anterior ao 25 de Abril.

Ninguém pode no entanto contestar que naquela manhão de 25 de Abril de 1974 houve um conflito grave entre o Comandante e os seus oficiais, em partícular com aqueles que, estando ao corrente do golpe militar, tiveram pela natureza das suas funções uma interferência directa no desenrolar daqueles acontecimentos, durante todo o período em que a fragata permaneceu no rio Teio à vista das tronas revoltadas.

Nem o Almirante Santos Silva, no exaustivo auto de averiguações por ele elaborado em 1976, conseguiu apurar com exactidão todos os pormenores da actuação dos principais intervenientes no conflito então ocorrido, mas uma coisa é certa, naquela manhã do dia 25 o comportamento do Comandante Loucã. quaisquer que fossem as suas reais intenções, levou os seus oficiais a recear a hostilização às forças em terra, em obediência às ordens vindas das chefias superiores da Armada. Aquele auto encontra-se disponível no Centro de Documentação 25 de Abril, entre outra abundante documentação de carácter mais pessoal que o Comandante Louçă ai fez chegar. Também o depoimento do Almirante Rosa Coutinho, a outra das duas fontes indicadas pelo Ten. Cor. Fisher Lopes Pires como fundamentais para a formação da sua opinião, se encontra publicado no número de Out./Dez. de 1994 dos Anais do Clube Militar Naval e pode ser considerado como um excelente testemunho abonatório do Comandante Louçã, não podendo servir para um esclarecimento presencial dos factos ocorridos a bordo da fragata.

Assim, os dois artígos que o Ten. Cor. Fisher Lopes Pires fez chegar ao Referencial para publicação não contribuem para um esclarecimento mais completo da verdade histórica, uma vez que, não sendo testemunha directa dos factos, se limita a estabelecer a "sua verdade" na base de opiniões de terceiros, não hesitando mesmo, não sendo artilheiro, em se pronunciar sobre variados aspectos do tiro naval que na altura foi

evitado pela acção dos oficiais da fragata "Almirante Gago Coutinho".

Pior ainda, o Ten. Cor. Fisher Lopes Pires, militar de Abril por excelência, ajuda os que, a coberto de um apoio à campanha que o Comandante Louçá vem travando desde 1974, humanamente compreensível, a pretendem aproveitar para através dela pór indirectamente em causa todos os que se revoltaram no día 25 de Abril de 1974, e que an mesmo tempo consideram como militarmente mais correcta a atitude de todos os que se lhes opuseram ou, ainda, a da esmagadora maioria que aguardou tranquilamente pelo desfecho dos acontecimentos.

Esta referência é tanto mais necessária quanto o Ten. Cor. Fisher Lopes Pires se manifesta desgostado por uma decisão de uma Assembleia Geral do Clube Militar Naval, sem ter tido o cuidado de explicar que os estatutos daquele Clube prevêem a eleição em conjunto com os outros órgãos sociais (Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Comissão Revisora de Contas) de uma Comissão de Redacção dos Anais, a quem compete em exclusividade a decisão sobre os artigos a publicar naqueles Anais. A questão em causa apenas surgiu porque um grupo de sócios daquele Clube, apoiantes das posições do Comandante Louçã, pretendeu impor àquela Comissão de Redacção a publicação de mais um artigo da autoria do mesmo. Isto, depois de o assunto ter sido extensa e pormenorizadamente tratado naqueles Anais - por todos os intervenientes nos acontecimentos em questão e não só -, e de a mesma Comissão ter considerado encerrada nas páginas dos Anais a polémica sobre os acontecimentos ocorridos a bordo da fragata "Almirante Gago Coutinho" no dia 25 de Abril de 1974.

Também a Direcção da A25A gostaria que este assunto fosse considerado como encerrado nas páginas d'O Referencial, em acordo aliás com a posição expressa neste número pelo respectivo Director.

A EDITORIAL CAMINHO

Espectáculo "Grupo de Danca de Ciudade Sevilha"

CONVITES FEITOS À A25A

Lançamento do livro "A Varanda do Frangipani" de Mia Couto		Connected and a Connected Material State of a Links	19-4-96
	4-6-96	Concerto pela Orquestra Metropolitana de Lisboa	22-4-96
A EDITORIAL TEOREMA Apresentação do livro "O Emblema Leonino" de Modesto Navarro	4-6-96	Concerto de Música de Câmara por Solistas da Orquestra Metropolitana de Lisboa - Quinteto Rossini	15-5-96
AMASCULAURA Espectáculo "A Cantafavole" recital de poesia italiana e canções na	politanas 25-5-96	CONSELHO PORTUGUÊS PARA A PAZ E COOPERAÇÃO XVI Assembleia da Paz	23/24-3-96
À estreia da 33.º Produção do CDIAG/Teatro Malaposta - Três num Baloiço de Luigi Lunari	14-6-96	DIRECÇÃO DO FORUM SOCIAL 1.º Jornadas	
ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS - Almoço com a Direcção		DIRECÇÃO DO SIND. DOS TRABALHADORES DE ESPEC Dia Mundial do Teatro	
ASSOCIAÇÃO INTER-JOVEM LISBOA	17-3-90		27-3-96
Conferência de imprensa para apresentação da CORRIDA DA TOLERÂNCIA - CORRER COM O RACISMO	3-5-96	EDIÇÕES ASA Lançamento do livro "Bósnia para além do impossível" de António de Sousa Duarte	8-6-96
ASSOCIAÇÃO INTERVENÇÃO DEMOCRÁTICA Debate "Revisão Constitucional - Aperfeiçoar ou Perverter"		FED. PORT. DAS COLECTIVIDADES DE CULTURA E REC Tomada de Posse dos Corpos Gerentes	
Debate "A Comuna de Paris"	14-5-96		7-5-96
	15-6-96	Comemoração do 72.º Aniversário	31-5-96
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS COMISSÕES DE BASE DE SAÚ Debate "Saúde é um Direito"	ÚDE 28-3-96	Almoço Comemorativo	15-6-96
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE SARGENTOS	20-3-90	GALERIA DE ARTE CAPITEL Inauguração da exposição de Ortiz Alfau	
Colóquio "O Associativismo Militar e a Participação dos			16-3-96
Militares em Missões fora do Território Nacional [®]	13-4-96	Inauguração da exposição de pintura de Hipólito Andrade	6-4-96
CGTP-INTERSINDICAL	13-4-90	Inauguração da exposição de pintura de Edmundo Cruz	18-5-96
8.° Congresso	31-5-96	GALERIA QUADRADO AZUL Exposição de pintura e escultura de Angelo de Sousa, José de	
CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA		Leonel Moura, Manuel Casimiro e Susana Solano.	14-3-96
Inauguração da exposição de Rogério Ribeiro "Azulejos para santia	1-6-96	Inauguração da exposição de Susana Solano	
CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES Espectáculo "Direito e Liberdade, a Música de Sérgio Godinho"	24-4-96	GISELA STRUTZENBER MARTINHO Inauguração da Exposição de Pintura de Raul Rodrigues e Luiz	19-4-96 Renazol
CÂMARA MUNICIPAL DE MIRA Lançamento do livro "Vida e Obra do Infante Dom Pedro"		INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL	20-6-96
	16-4-96	Desfile de Moda	22-6-96
CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA Exposição colectiva de pintura de Edgar Xavier, Maria Duarte, Mário Vinte e Um e Nélio Saltão		LUIS MIGUEL CARDOSO FIGUEIREDO Inauguração de Exposição Solidariedade	
Inauguração das exposições Medalha Contemporânea	6-4-96	MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE MULHERES - MDM	29-6-96
grupo "Anverso-Reverso"	11-5-96	V Congresso	11/12-5-96
Inauguração da exposição colectiva de artes plásticas "Preto, Branco às Cores"	0.00	MOVIMENTO PORTUGUÊS CONTRA O APARTHAID Campanha de apoio às crianças angolanas e ao Hospital Pediáti	rico de Luanda
CÂMARA MUNICIPAL DE TORRES NOVAS	8-6-96		26-3-96
Inauguração da casa Humberto Delgado/Memorial	19-5-96	MUD JUVENIL Comemoração do Cinquentenário do MUD Juvenil	29-6-96
CLUBE MILITAR NAVAL Porto de Honra Comemorativo do 25 de Abril	22 4 04	PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS 3.º Assembleia da Organização Regional de Lisboa do PCP	29-0-90
Colóquio "Centenário Jogos Olímpicos"	23-4-96		13-4-96
COMISSÃO PROM. DO 25 ABRIL NA ZONA ORIENTAL DE LIS	27-6-96 SBOA	PARTIDO ECOLOGISTA "OS VERDES" VII Convenção Nacional Ecológica	22/23-6-96
Homenagem a Carlos Paredes	4-5-96	SINDICATO DOS JORNALISTAS	
COMISSÃO PROM. DAS COM. CINQUENTENÁRIO DO MUD JO Almoço-Convívio		Tomada de Posse dos Órgãos Gerentes	2-4-96
COMPANHIA DE TEATRO DE ALMADA Estreia do espectáculo "A Casa de Bernarda Alba" de Frederico Gar	23-3-96 rcia Lorca 5-5-96	PRES. DO CONS. DIR. E O DIREC. DO INST. DE HISTÓRIA Apresentação do n.º 17 da Revista de História dos Ideais dedicado ao tema "Do Estado Novo ao 25 de Abril	23-4-96
COMUNA TEATRO DE PESQUISA Estreia da peça "Monólogo, Precisamente, Nova Ordem Mundial"		TEATRO DA CORNUCÓPIA Estreia da Peça - Dor	
27/21 Estreia do espectáculo "A Travessia" de Erico Veríssimo/João Mota	8/29-3-96 /31-5-96	TEATRO NACIONAL S. JOÃO/TEATRO DA CORNUCÓPIA Estreia da peça "Um auto de Gil Vicente" de Almeida Garrett	25-6-96
CONSELHO ADMINISTRATIVO DO MONTEPIO GERAL Concerto de música de Câmara por solistas da	-J-3-90	UNIÃO DEMOCRÁTICA POPULAR - UDP	22-3-96
Orquestra Metropolitana de Lisboa	17-4-96	XI Congresso	24/25/26-5-96
	17-4-90		24(23)20-3-90

ASSOCIADOS FALECIDOS

JOSÉ PALMA MENDONCA

Sócio fundador n.º 166

JORGE AUGUSTO REIS

Sócio efectivo n.º 1970

ARMANDO COMES DOS SANTOS AVELINO CÂNDIDO BATISTA

Sócio efectivo n.º 2087

JOÃO CARMO ALMEIDA

Sócio efectivo n.º 2094

CARLOS ALBERTO PINTO

Apoiante n.º 180

HENRIOUE CORREIA VEIGA

Appiante n.º 375

JOSÉ MARIA DO ROSÁRIO COSTA

Apoiante n.º 801

Apoiante n.º 824

ANTÓNIO MÁRIO PEREIRA VIEGAS

Apoiante n.º 1077

JOSÉ ALEMÃO MENDONCA CISNEIROS FARIA

Apoiante n.º 1105

RUI AZEVEDO MARQUES

Apoiante n.º 1280

JOSÉ JOAQUIM ALBANO AMIGUINHO

Apoiante n.º 1969

RODRIGO SANTOS VANTOSA

Apoiante n.º 2153

A todos os seus familiares, as nossas sinceras e profundas condolências.

ASSEMBLEIA GERAL

Aproveitando a realização do jantar convívio, foi convocada uma AG extraordinária para o passado dia 24 de Abril. Realizada nas instalações da Casa Pia, em condições pouco propícias, atingiram-se os objectivos pretendidos. Com efeito, dado que os sócios presentes ultrapassaram o número de 100, mínimo indispensável à alteração do Regulamento Interno da A25A, foi possível aprovar nova redacção para dois artigos do referido regulamento.

Como resultado dessas alterações, a convocação da Assembleia Geral passará a ser feita em conformidade com o definido no Código Civil, e a aprovação de medidas consideradas mais importantes, sejam a acção disciplinar, sejam as alterações estatutárias ou alienação de património, será mais fácil em AG. Isto, porque o número mínimo de sócios necessários foi reduzido para metade, número que nos parece relativamente fácil de reunir. Confiemos em que, de futuro, não nos vejamos impedidos de discutir e decidir sobre assuntos relevantes, por falta de quorum mínimo nas assembleias gerais. É que, a partir de agora, bastará a presença de 50 sócios efectivos...

Em anexo a este número de O Referencial juntamos a nova redacção dos artigos alterados (se o entender, poderá utilizar este anexo para substituir a respectiva folha do seu exemplar do Regulamento Interno).

OFERTAS À A25A

LIVROS:

POEMA ABRIL - Antologia Poética

Oferta da Fora de Texto - Coop. Editorial de Coimbra CRI. AS BARREIRAS INVISÍVEIS DA INTEGRAÇÃO Oferta da Associação dos Defiecientes das Forças Armadas

COLECTÂNEA N.º 1 DA BAIXA DA BANHEIRA Oferta da Junta de Freguesia da Baixa da Banheira

AZEDAL, SARZEDAL E A MANHÃ DE ABRIL de Luis Filipe Macarico Oferta da Junta de Freguesia dos Prazeres

AZULEJOS: da C.M. do Bombarral

ESCULTURA EM PEDRA SABÃO da delegação da A25A no Canadá

GALHARDETES

da Junta de Freguesia do Seixal

MEDALHAS

da Casa Pia de Lisboa

da Associação de Deficientes das Forças Armadas da Escola EB 2+3 de Anadia

Moldura c/ Fotografia de Monumento ao 25 de Abril, da C.M. do Bombarral

Placa Comemorativa do Grupo Sportivo Adicense e Junta

de Freguesia de S. Miguel

O nosso associado Artur Custódio da Silva, membro da Associação Portuguesa dos Amigos de Raoul Follereau (APARF), solicita-nos divulgação da Existência e dos objectivos desta associação de solidariedade social em benefício dos leprosos. Os nossos leitores interessados em conhecer melhor a natureza da APARF, em estabelecerem com ela elos de colaboração ou tornarem-se seus associados, poderão contactar a Associação 25 de Abril.



Associação Portuguesa Amigos de **Raoul Follereau**

Rua da Rosa, 177, 2.º Esq. - 1200 LISBOA Telef. (01) 342 99 14 - 342 83 37 Fax 342 83 37

UMA PRESENÇA PORTUGUESA NA LUTA CONTRA A LEPRA

VAMOS APRENDER BRIDGE! (32)

No último artigo realçámos que a marcação de um chelem é um processo complicado, que deve ser assumido faseada e conscientemente.

Referimos que a marcação de um chelem que não exista implica, obviamente, a perda de uma partida e que, a não marcação de outro que esteja sobre a mesa, acarreta a não contabilização do prémio do chelem.

Estas situações de "desgraça" poderão ser catastróficas quando se jogam campeonatos de equipas, muito mais do que quando participamos em torneios de pares ou nos divertimos na partida livre.

Nos dois últimos casos o erro de marcação reflectir-se-á apenas num mau resultado, que pode ser compensado com percentagens de sucesso obtidas nas restantes mãos. No torneio de equipas esse erro pode ser irrecuperável, quer pela sua dimensão quer porque as restantes mãos poderão não ser de molde a que permitam reaver o ouro que entretanto entregámos ao bandido!

Detectado que os jogos em linha se conjugam numa força total que os situa na Zona de Chelem (1.º fase), competirá ao jogador que primeiro teve acesso a essa informação, desencadear as acções necessárias para passar á fase seguinte ou seja, ao anúncio dos "Controlos".

1 - OS CONTROLOS

A correcta aplicação desta técnica de marcação visa garantir, antes de se saberem quantos asee existem em linha, que no conjunto das duas mãos não há nenhum naipe que não possa ser parado ao primeiro ou, no máximo, ao segundo tempo de um ataque dos adversários.

É óbvio que se não se verificar essa condição elementar, a tentativa de marcação do chelem deve ser, de imadiato, abortada, ficando-se apenas pela marcação realista da partida.

O anúncio dos controlos, inicia-se após ter sido definido o trunfo e detectado que o jogo detem uma força que o coloca na Zona de Chelem.

Daqui se infere que este meio técnico auxiliar de diagnóstico é utilizado maioritariamente na marcação de contratos trunfados

Baseia-se no facto de que qualquer anúncio de um naipe, depois de definido o trunfo, indica o controlo, á 1.º ou à 2.º, nesse naipe e a inexistência de controlo no naipe mais barato que foi omitido no leilão.

Como mais vale um exemplo que mil palavras, vejamos o seguinte leilão e interpretêmo-lo á luz do princípio atrás enunciado:

N	E	S	W
PASSO	1 •	PASSO	1 🔻
PASSO	3 ♥	PASSO	4 ♣ (a)
DASSO	140	b)	

(a) - Ao anunciar 4 ♣ o jogador em W transmite ao parceiro as seguintes mensagens:

- O nosso jogo está na Zona de Chelem, pelo que inicio a fase relativa aos controlos;
- Tenho controlo a & (à 1.º ou à 2.º);
- Não tenho controlo a , porque se o tivesse teria anunciado primeiramente
 3 .

(b) - Ao rebidar 4 ♦ o parceiro transmitiu os seguintes elementos:

- Aceito a tentativa de exploração, tendo em vista a eventual marcação do Chelem, que desencadeaste;
- Tenho controlo a ♦ (à 1.º ou à 2.º);
- Não estou preocupado com o facto de não possuires controlo a é, porque, se estivesse, teria abortado o anúncio dos controlos e marcado partida em 4 *.

Como se vê esta técnica é simples e bivalente porque permite anunciar os controlos que se tem (pela positiva) e os que se não possue (pela omissão), dando uma óptima "radiografia" das características das mãos.

Importará referir que a noção de controlo à 1.º ou à 2.º tanto pode ser anunciada com figuras (Ases ou Reis), como com a existência de chicanas ou singletons que, para o efeito dos contratos trunfados, conduzem ao mesmo resultado.

Impórtará referir que quando o trunfo é um naipe pobre (♣ ou ♣), o anúncio de um outro naipe ao nível três deve ser <u>prioritariamente</u> interpretado como um esclarecimento que permita a marcação de 3ST pelo parceiro. Se for uma tentativa de Chelem ela será consubstanciada na voluntária ultrapassagem daquela marcação de partida.

N	Е	S	W
1 •	PASSO	2 🏚	PASSO
3 ♣	PASSO	3 🔻 (a)	PASSO

- 3 ST (b) PASSO 4 ♠ (c)
 - (a) Tenho controlo a ♥. Quero jogar partida. Se defenderes ♠ marca 3ST.
 - (b) Defende .
 - (c) Estou a pensar em Chelem. Devo ter um naipe de ♣ consistente e boas figuras a ♥ e controlo a ♠. Não tenho controlo a ♠. Decide se é de ir a chelem. caso

não estejas mínimo nas vozes que deste ou que possuas mais valias.

Até ao próximo número Luis Galvão (Continuação da pág. 1)

Sobre o conteúdo do seminário e as suas conclusões, deve aguardar-se a prometida publicação das comunicações e debates

Duas ou três notas porém, se justificam, como breve comentário.

Em primeiro lugar, numa referência à crítica generalizada que mereceu o período de quatro meses do actual Servico Efectivo Normal corresponde ao Servico Militar Obrigatório (SMO), Crítica que surgiu mesmo de conferencistas dirigentes do partido que apoiava o governo a que se deve essa opção. Hoje, perante a constatação do facto consumado de que os quatro meses, por insuficientes, se inúteis, mas dada a revelam irreversibilidade das expectativas criadas conclui-se pelo óbvio: acaba-se com o SMO e instala-se o sistema profissional/voluntário.

Quando da decisão governamental que levou à redução para os quatro meses, pronunciei-me, numa coluna que então assinava na revista "Época", pelo que me parecia evidente: "A duração de quatro meses mostrar-se-á rapidamente insusceptivel de sustentar um serviço militar obrigatório, o que constituirá o argumento decisivo para lhe pôr constituira du tucionalmente lim".

Aí está a prova de que não me enganara. Em segundo lugar, dos conferencistas e mesmo das intervenções avulso durante os debates, prevaleceu o consenso de que os grandes problemas de defesa militar que Portugal pode ter de enfrentar. aconselham um modelo misto de servico militar, no qual a conscrição tem um nanel decisivo e insubstituível. Algumas. poucas, opiniões de que, em tempo de paz, basta um modelo profissional/ voluntário, devendo recorrer-se à mobilização de conscritos em caso de guerra, não passa de um pretexto para contornar soluções incómodas. Para além de carecer de sentido a concepção de exércitos que não se destinam a enfrentar situações de guerra, não se tem em conta a exeguilibilidade daquela solução dualista, pois não se vislumbra qual a base de recrutamento que, ao fim de uma dezena de anos sem SMO, suportará a mobilização que assegure o levantamento de um exército nacional. Mesmo que se aceite que situações e missões diferentes justifiquem modelos distintos de servico militar, o que não está documentado, há uma realidade incontornável: uma instituição militar de conscritos pode gerar unidades de profissionais e voluntários, mas um sistema de voluntariado e de profissionais, não só não assegura uma moblização nacional, como pode inviabilizá-la.

Estas e muitas outras questões pertinentes foram equacionadas e debatidas. Mas no fim instalou-se a frustração quando, no seu discurso de encerramento, o ministro da Defesa Nacional, sem deixar de elogiar a iniciativa, foi avisando que o debate era muito útil mas... a decisão do governo já estava tomada. E essa aponta para a opção do modelo profissional e de voluntariado.

Repete-se o equívoco da decisão que conduziu aos quatro meses. Primeiro decide-se, depois estuda-se a viabilização da decisão.

É uma forma de amputar o processo de decisão do seu troço ascendente, que é o que a legitima e fundamenta. Um processo de decisão deve nascer de uma directiva que transmita o objectivo genérico que se pretende atingir. A directiva dá lugar a estudos, os quais apontam hipóteses de soluções das quais, confrontadas entre si, resultarão as propostas. É sobre estas que as decisões devem ser tomadas. O troço descendente comportará o planeamento e as ordens para que a decisão sei avecutada.

Fallando um dos troços deste ciclo, as decisões podem até ser brilhantes na sua formulação. Não deixarão, nunca, de se apresentar feridas da imagem da leviandade. O que, no minimo, lhes retira credibilidade.

